

A ESPELUNCA

Romance de Actualidade

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

A ESPELUNCA

A ESPELUNCA

ROMANCE DE ACTUALIDADE

POR

* * *



*Verde recorte
fim*

PORTO ALEGRE

EDIÇÃO DA FOLHA DA TARDE

—
1889

ADVERTENCIA

O livro que ahi vai não está acabado. Considero-o mesmo como um estudo incompleto, apenas esboçado, que com o tempo ampliarei.

Foi escripto em oito dias, o que não apresento como attenuante para a sua critica, caso alguém se lembra de lh'a fazer.

Escrevendo a *Espelunca*, tive dois objectivos: vingar uma affronta atirada á sociedade pelo typo que é o protagonista da obra e discutir uma these de moral.

Os personagens que rodeiam o Luiz eu os tomei a esmo, pois não quiz, nem me foi possível estudar as demais creaturas que figuram no rapto por elle praticado.

Procurei dar enredo a este romance, obedecendo á logica dos factos, chegando muito naturalmente, por inducção, a um desfecho racional.

Sectario do determinismo em litteratura, unico systema que a escola naturalista aceita, que a prende nas suas regras, não me era permittido, a meu talante, phantasiar um des-enlace do drama pouco racional.

Foi o que fiz — subordinei-me á escola.

Quem por ahí ousará contestar a possibilidade dos incidentes que apresento? Quem terá a precisa ignorancia para destruir as ligeiras analyses psychologicas que fiz?

Bem conheço o meio em que vivo e as 'difficuldades com que a *Espelunca* lutará para ser aceita.

Isto pouco importa. Se não pretendo degladiar-me pelo naturalismo que por um falso preconceito é repellido *ex-informata conscientia*, se não tive em vista crear reputação de romancista, nem por isto deixo de sentir uma intima satisfação concorrendo para anesthesiar a exagerada sensibilidade dos contemporaneos ante as producções do realismo.

E' questão de tempo, e um dia a justiça da critica será unanime em attestar os grandes serviços prestados pela escola que rasga os velhos moldes romanticos, despe as creaturas do convencionalismo da arte anachronica e as expõe núas, com as feridas cancerosas bem a descoberto, ainda que façam voltar o rosto dos espectadores enojados.

Convençam-se os leitores de que os tempos dos amores dos Montechi e Capuletti já se foram. Os Romeus de hoje não falam em cotovias ás suas adoradas; chamam-se burguezmente Luiz, andam de bengala em vez de espadim, usam Clark de

salto baixo e solla grossa, em vez das bótas de camurça.

Naquellas épocas tratavam o amante de — *astro brilhante do meu viver*; hoje, a cousa materializou-se mais, chamam-lhes — *minha negra e meu peixão*

Épocas diversas pedem formulas diversas tambem. O Werther de Goethe seria vaiado hoje e o Manfredo de Byron mettido em um hospicio.

As paixões dos nossos tempos têm por objectivo fazer filhos — as de outróra fazer idyllios.

Comprehenda-se isto e estaremos justificados.

Dirão muitos que sou indecente em algumas paginas.

No que? pergunto eu. Será porque falei a verdade, porque não poetisei onde havia uma monstruosidade?

E o que diriam se eu fizesse a apologia da prostituição?

Pois não é meu dever apreciar-a calma e friamente, abjecta tal qual é?

Vamos, meus senhores, nada de *partispris*! Isto, a *Espelunca*, é uma these medica, medicina moral, e eis tudo.

Pensem de mim o que bem lhes parecer os criticos.

Tenho bastante bom senso para não solicitar indulgencia, porque quem não se quer arriscar que fique em casa.

Um dia, não tardará muito, bem desenvolvido o assumpto, n'uma obra mais vo-

lumosa, terminarei o trabalho dos typos que
ahi esbocei.

Repito mais uma vez: Ninguem veja
nos personagens da acção pessoas que vi-
vam entre nós; afóra o protagonista, todos
os demais são creações minhas.

E tenho dito.

Porto Alegre, 15 de Setembro de 1889.



I

A sala se ia enchendo, aos poucos, de amigos e curiosos.

Estendido, o corpo, já no esquife, aguardava o momento de ser conduzido à sepultura.

Quatro velas ardiam vagarosas nos castiçais de prata, escorrendo a cêra, amarelada, para cima da mesa onde pousava o cadaver, formando um emplastro duro na base e liquido na superficie.

Um cheiro de desinfectantes, agua de Labarraque e phenol, invadia a atmospherá, tornando-a pesada e insupportavel.

A um canto mulheres, amigas da familia, com as physionomias cançadas de uma noite não dormida, passada a velar o morto, falavam em voz baixa, levantando-se ora uma, ora outra, já para correr ao interior da casa, já para espivitar as velas, quando o pavio, muito longo, esbrazeado, deitava um fumo negro que empestava.

Os que chegavam traziam no rosto a expressão convencional das ceremonias fúnebres, trocando apertos de mão silenciosos, murmurando em seguida, com sentimento:

— Pobre Soares!

Alguns mais curiosos chegavam-se ao esquite e levantavam o lenço que cobria a face do morto, e, depois de o examinarem com attenção, deixavam de novo cahir-lhe sobre o rosto contrahido a fina cambraia, afastando-se vagarosamente.

A' porta da rua, pessoas que vinham para o enterro e não queriam entrar, esperavam o momento, umas fumando, outras conversando sobre o Soares, cujas virtudes e talentos eram realçados, rendendo-lhe o preito da justiça que os mortos recebem sempre, uma e a mesma, tenham sido elles na vida bons ou máos.

Uma longa fila de carros estendia-se rua á fora, trepados os cocheiros nas boléas, rindo e falando em voz alta, estranhos ao caso, indifferentes á dôr alheia, mais occupados com a magreza dos animaes, de cuja força duvidavam para galgar a lomba do cemiterio.

Das janellas pendiam cabeças de curiosos, ávidos do espectaculo de um prestito funebre.

Mulheres em desalinho, com os cabellos não penteados, enroladas em chales, apoiavam os cotovellos em travesseiros sobre as sacadas, para melhor gozarem do triste desfilár do cortejo.

Por fim, dentro da sala houve um movimento.

Um parente da casa deu o signal da partida e começaram os preparativos.

Tiraram as vélas, deixando que a fa-

milia viesse render a derradeira homenagem ao ente querido de que se ia separar para sempre.

Scená commovente e desesperadora, á qual puzeram fim a intervenção consoladora dos amigos e a certeza da inutilidade de todas as explosões e revoltas contra a injustiça do céu . . .

O caixão foi fechado e coberto de corôas — flores artificiaes com que o mundo materialisa a saudade, corporificação dos sentimentos que alastram as almas varadas pela perda de um pai, de um irmão, de um amigo!

Os mais dedicados, os que mais haviam privado com o Soares, tomaram das alças, e, por entre os gritos lancinantes da mulher e dos filhos, puzeram-se em marcha, encurvados pelo peso do caixão, constrangidos nos seus movimentos, como se fossem cahir.

Na rua houve um reboliço de curiosidade.

Das janellas, espectadores indiscretos contavam os carros, as corôas, lendo alguns, em voz alta, as inscripções das fitas rôxas e pretas que pendiam das capellas.

E lá se foram, fazendo paradas constantes, substituindo-se os conductores do féretro, até que, chegados á praça, collocaram-no no coche funebre.

Depois, envolto o sequito em uma nuvem de pó, bateu para o campo santo, ao trote largo da cavallhada magra, fustigada pelo chicote dos boleiros.

No entanto, em casa a familia estorcia-se na desesperação da angustia sem nome daquella separação eterna.

Cançadas da noite anterior, noite de vigilia, as pessoas amigas se retiraram, abraçando ainda as de casa, ás quaes offereciam, na despedida commovida, uma phrase banal de consolação.

Era noite já.

Sós, a viuva e os dois filhos, aniquillados, exhaustos, entregavam-se á meditação.

A mulher; coitada, entrevia o futuro denso, carregado, sombrio.

Seus olhos pasmados voltavam-se do filho para a filha, demorando-se sobre esta.

Dir-se-ia que um presentimento medonho torturava-lhe o coração, uma idéa cruel affligia-lhe a alma!

Bateram á porta; uma criada foi abrir e veio annunciar uma vista:

— E' o *seu* Luiz, disse a preta; manddo-o entrar?

A viuva sentio que uma commoção estranha se apoderava do seu todo.

Quiz falar, mas um soluço embargou-lhe a voz.

Desatou num pranto angustioso; escondendo a cabeça entre as mãos, nada dizendo.

A criada não sabia o que fazer.

Estupefacta, se deixára ficar á espera.

Por fim, como quem se resigna a mais uma provação, a mulher ergueu a cabeça,

fitou a filha e com voz quasi inintelligivel murmurou:

— Que entre!

O visitante era um rapaz joven ainda, de estatura abaixo da mediana, delgado de corpo, physionomia sem expressão, nariz aquilino um pouco arqueado, usando a barba raspada, bigode pequeno, mas bem negro.

Nos seus olhos havia uma certa vivacidade ou inquietação, signal evidente de character inconstante e frivolo. Os cabellos, ligeiramente ondeados e já rareando, cahiam-lhe sobre a fronte divididos em pastinhas muito gordurosas.

A *toilette* era pretenciosa. Dir-se-ia que procurava definir-se pela vestimenta, apertada, deixando sebreahir as suas fôrmas efeminadas, o que lhe dava um característico de Ganimedes burguez, com celebridade nos gradís das praças e jardins publicos.

E' certo que vestia roupa preta, mas esta, se bem que á moda, soffrera as modificações do seu gosto apelintrado.

A gravata deixava soltas as duas extremidades, pendentés por fóra do *croisé*.

Sapatos de verniz, atados com fita de gorgurão, apertavam-lhe os pés.

Quando entrou na sala onde estava a familia, parou á porta e fez uma mesura, esboçando-se nos seus labios vermelhos um sorriso convencional que lhe era familiar.

Depois, torcendo o corpo, movendo com todas as juntas ao mesmo tempo, veio dar

um aperto de mão á viuva, á filha e ao Frederico, irmão desta.

Esperou alguns instantes, constrangido com o silencio que se fizera á sua chegada.

Olhou para todos os lados, esperando que dissessem alguma cousa, sentindo-se estúpido, incapaz de romper com aquelle gelo, arrependido já de ter vindo, não sabendo se era melhor bater em retirada, ficando naquillo, num aperto de mão silencioso.

— Foi ao cemiterio, sr. Luiz? perguntou por fim a viuva.

— Fui; esteve muito bom, muita gente, discursos, respondeu idiotamente, não pensando as palavras; imaginando talvez que o *muito bom* qualificativo cahia nos corações como um balsamo consolador.

Para elle foi um allivio ser interrogado; podia por fim dizer ao que viera.

Tambem não esperou mais nada.

Tomando uns ares de protector, foi dizendo que em vida do Soares entretivera com elle relações da mais intima amizade e que o tumulo não era o limite da sua dedicação por aquelle a quem tanto devia, que tanto respeitára pela elevação de sentimentos. Assim sendo, vinha pôr o seu prestimo, fraco sem duvida, á disposição da familia, assegurando que seria um grande prazer para elle se lhe pudesse ser util.

Olhava, emquanto assim se exprimia, com insistencia insolente para a Guilhermina, filha do Soares.

A viuva deixou que elle acabasse de falar para agradecer discretamente tanta bondade, finalizando por assegurar que se necessitasse de concurso tão generosamente offerecido, a elle recorreria.

Depois falou-se na molestia do Soares, tão rapida e de tão fatal desfecho.

— Uma desgraça, uma desgraça, dizia o Luiz, e repetia umas quantas banalidades a respeito, taes como a de que *vaso ruim não quebra*; que se o Soares fosse um máo homem talvez ainda vivesse; que, com a subida dos liberaes, muito proxima e quasi certa, lhe estava reservado um papel importante, a fortuna talvez.

— Que quer que eu faça, observou a dona da casa; o mundo é isto mesmo. Não podemos responder pelo dia d'amanha.

— Foi do coração? perguntou o Luiz.

— Eu nem sei, respondeu a viuva; coração ou pulmões, o que é certo é que elle foi-se e que o não temos mais...

— Sim, sim; isto é que é o peor. Mas Deus é grande e o mundo tambem.

Imaginando que esta *tirada* fosse de effeito, o Luiz impertigou-se e lançou um olhar concupiscente á moça — coitada! bem longe de adivinhar o que trazia no bôjo aquelle offerecimento.

Na torre da Cathedral soaram dez horas. O sino grande começou a planger melancolicamente o toque do silencio, enchendo as almas do pavor que aquelle dóbre des-

perta, lembrando o cemiterio, a tumba, a morte!

Era tardè. O Luiz comprehendeu que devia retirar-se. De novo saracoteando, quebrando-se todo, despedio-se dos de casa e tomou o caminho da rua, já deserta.

Grossas nuvens negras cobriam o firmamento.

Uma tempestade de verão, dessas que cáem de subito, após longos calores de dias successivos, ameaçava desabar dentro de pouco tempo. O ar era abafadiço, quente. Nem uma ligeira aragem soprava. Tudo era carrancudo, concentrado na natureza.

O Luiz apressou o passo. Quando chegou á casa, um trovão precedido de um relampago, que rasgou o céu de alto a baixo, estrugio, fazendo estremecer a cidade.

O rapaz, muito assustado, atrapalhado, abriu a porta, e, tremulo, penetrou nos seus aposentos, fechando-a rapidamente sobre si.

Do lado de dentro ficou como paralyzado e um pavor supersticioso invadio-lhe a alma.

No fundo da consciencia uma voz o accusava e dizia-lhe que naquelle rugir da Natureza havia uma prevenção para o seu futuro.

Teve medo, e foi deitar-se, presa de terriveis angustias.

II

Eram 11 horas; tinham vindo da missa do trigesimo dia.

O tempo, o grande cauterio para as chagas do coração, suspendêra a sua obra, permittindo que a cerimonia religiosa abrisse de novo, por momentos, para mais um desabafo, a ferida em via de cicatrisação.

E é isto o coração humano! A perda de um ente que nos é caro, surpreendendo-nos subitamente, no meio do viver placido e sereno, cava na alma um abysmo profundo e doloroso. O desespero quasi nos enlouquece, e, nos primeiros instantes, a explosão da dôr tira-nos a consciencia da realidade, não se medindo a grandeza daquella perda irremediavel que só a prostração consequente deixa bem avaliar. A ferida não sécca de todo, não — ella apenas, tornando-se chronica, de ulcera viva, escancarada que era, se faz fistula sempre fechada, mas sempre latente.

Nós a sentimos, mas não é mais um corpo estranho, uma anomalia: faz parte da nossa alma, é um complemento seu.

E assim como na vida animal a incrustação de uma bala é aceita pelo organismo, lembrando a sua existencia sob a acção de

phenomenos atmosphericos, as balas da alma tambem nos fazem soffrer quando a acção de uma saudade, despertada ante uma ligação de factos com o passado, vai agir sobre a chaga, esquecida talvez, mas que não se foi jámais.

Luta silenciosa travada entre o tempo e o facto, aquelle ás vezes céde o lugar, e a saudade se vem debruçar sobre as bordas do abysmo, soltando um grito que echôa na solidão que o ente amado deixou em nossos corações.

Revive a dôr com a repercussão daquelle brado e de novo as bordas da ferida se tingem de sangue.

A missa, pois, fôra um supplicio para a familia do Soares.

A viuva, os filhos tinham dado livre curso ás lagrimas.

O templo, com o seu aspecto imponente, ferindo a imaginação, que sentia-se invadida pela musica melancolica do *Miserere*, o cheiro do incenso, a solemnidade dos sacerdotes, tudo concorria para despertar a recordação daquelle que julgavam no céo, tão longe delles, separados para sempre, até que um dia, por sua vez, a morte os viesse buscar.

No final, os amigos, muitos e muitos, vieram cumprir com um dever, testemunhar ás suas condolencias á familia.

O Luiz acompanhô-a á casa.

Quando chegaram á porta, convidaram-no a entrar, que viesse almoçar. Não

havia nada de especial, nem podiam cuidar disso, tão agoniados que andavam.

— Demais, acrescentou a viuva, somos gente pobre e não podemos sahir dos nossos limites.

O rapaz aceitou, dizendo que não era de ceremonias, que bem sabia das circumstancias e que não reparava.

O almoço foi triste. Apenas o Luiz procurava distrahir a magoa geral, conduzindo as attentões para outro ponto; mas a viuva, a d. Adelaide, como ella se chamava, voltava ás suas preoccupações, impressionada com o futuro, soltando umas exclamações sentidas de medo e de lamento.

— É esta menina, o que será della? perguntou a viuva, indicando com a cabeça a Guilhermina. Agora que lhe falta quem a ampare, a protecção do unico amigo desinteressado que teve, do seu pai, — sim, do seu pai, que outra cousa não era elle, tanto a amava; agora qual o seu futuro? Pobre como é, sem dote, quem a tomará por esposa?

— Ora, d. Adelaide, isto não é assim. Não desespere; o mundo não é tão interesseiro que viva a correr atraz de dotes. A d. Guilhermina é bonita, bem educada, tem sentimentos muito nobres, é virtuosa e capaz de fazer a felicidade de um homem que busque no matrimonio um incentivo para as lutas da vida. Creia, d. Adelaide, acrescentou o Luiz, sua filha ha de casar e com quem saiba avaliar dos

meritos que ella tem; eu juro que isto que digo é verdade.

A viuva, porém, não attingia o objectivo que o Luiz tinha em vista. Na sua dôr, na sua modestia, não ousava adivinhar o sentido occulto das palavras que o moço pronunciava, sublinhando-as intencionalmente.

A moça, essa, com mais penetração do que a mãe, mais ingenua tambem, espraia-va-se esperançosa num vôo para as regiões da phantasia, acalentando o sonho de um dia — com os trajés de noiva, ser conduzida ao altar por aquelle rapaz que tanta grandeza d'alma parecia ter.

O olhar do Luiz, magnetizando-a com o seu fogo, fel-a enrubecer duas vezes e corresponder á insolencia da sua insistencia, que ella, a pobresinha, não comprehendia, com um erguer de olhos calmo, cheio de gratidão e amor.

Traioeiro sentimento inoculava-se no seu coração puro e ingenuo, como se ama aos vinte annos, pela primeira vez, quando a virgindade d'alma habita na virgindade do corpo.

Aos poucos o seu sonho tornava-se uma realidade; ella o vio tomando corpo, crescer, avolumar-se, á proporção que elle fallava, mostrando a linha dos seus dentes brancos.

A ponta do seu pé encontrou o do rapaz e instinctivamente ella récuou, rubra, como se fosse apanhada em falta.

Sentio que era preciso dominar-se, não

escravar-se a um homem illusoriamente, antes que uma declaração franca, expressa, denunciasse a sinceridade dos seus intentos.

Comprehendeu isto, e, para fugir ao encanto que a prendia, ergueu-se e foi para o seu quarto.

Tomando o retrato do pai, fitou-o longamente, e depois, não se contendo mais, sentindo um soluço subir-lhe do engulho á garganta, desabafou num pranto copioso, histerico. Mas, cousa estranha! não era um choro de tristeza sómente o seu; uma alegria sem causa explicavel misturava-se com a saudade. Na noite do seu infortunio brilhava o primeiro raio de uma estrella promissora, muito distante ainda, envolta num véo azulado, mas lá estava, sim, lá estava, que ella bem o via.

— Guilhermina! disse a voz da mãe chamando-a.

A moça levantou-se e foi lavar o rosto para disfarçar a commoção por que passára.

— Guilhermina! repetio lá da sala de jantar a d. Adelaide.

— Já vou, minha mãe; estou arrumando aqui o meu aposento.

Momentos depois, um pouco embaraçada, veio ao encontro da gente que ainda permanecia á mesa.

O Luiz queria despedir-se, por isso a chamavam.

Ao rapaz não escapou a impressão que produziu no espirito da moça. Reconheceu com satisfação que lançára-lhe o inferno na

alma, que o terreno estava lavrado, que a semente cahira na terra e que o fructo não tardaria em desabrochar viçoso, para elle o colher quando o momento opportuno se apresentasse.

— Cultivemos, cultivemos... pensava comsigo ao sair; emquanto a planta é nova, todos os cuidados são poucos. Evitemos a geadá que mata, as formigas que cortam os brotos; ajudemos a obra da natureza, facilitemos ás raizes o trabalho de se segurarem, para que não lhe arranquem num momento o amor que lhe implantei e que será a rédea por onde a segurarei para conduzil-a até á *espelunca!*

E, sorrindo-se, satisfeito, victorioso, soltando as baforadas de fumo do seu cigarro Maryland, foi andando pela rua.

Lá em cima, contente, em pleno brilho de verão, o sol do meio dia, ardente e poderoso, enchia de luz o mundo com todas as suas grandezas, mas também com todas as suas infamias.

Em toda a parte penetravam os seus raios, mas nem um, nem um só para aclarar a alma daquella pobre virgem, tão bella, tão honesta, tão pura, mas tão ingenua...

III

O Luiz vivia perseguido por aquella preocupação constante da Guilhermina. A todo o momento tinha diante dos olhos a figura esbelta da moça, com a sua tez morena; olhos muito negros e profundos, encimados por duas tiras de cabellos finissimos côr de azeitona. A sua longa trança de fios pretos, cahindo-lhe sobre as costas, a arqueação do busto, a fórmula provocante das cadeiras, muito desenhadas sob a roupa, a cadencia dos seus movimentos, um ligeiro tremor das carnes, tudo isto entontecia o rapaz, arrastado por um desejo bestial de saciar os instinctos sobre a carnadura farta da moça.

Começou a amiudar as visitas á familia, demorando-se pela noite á fóra a conversar sobre cousas mil, banalidades, tolices, mas alcançando o que constituia o seu principal objectivo — a confiança de d. Adelaide.

Esta, dotada de extraordinaria boa fé, natureza experimentada no infortunio, mas que tivera os ultimos annos tranquilos e doces, passados ao lado de um homem que a erguera á altura do mais puro dos affectos, aceitava o Luiz na intimidade do seu

lar, confiando no respeito que a recordação do morto devia impôr a todo aquelle que transpuzesse a soleira da porta de sua casa.

Imaginava que ninguem ousaria macular, nem por pensamentos, a santidade daquelle lugar por onde passára um homem que fôra a encarnação da honra e cuja energia bastava para envolver os seus num halo de respeito e consideração.

Se bem que partido para as regiões da morte, este mysterio impenetravel, diante do qual os mais temerarios estacam, ainda assim, vivo como ella o sentia no coração, suppunha que a sua sombra protectora estivesse sempre ao lado dos seus, mantendo no mesmo pé o conceito em que eram tidos durante o seu viver.

Se algumas vezes a supposição de que o Luiz não nutria intentos honestos vinha agitar-lhe o espirito, combatia esta idéa sorrindo-se dos terrores injustificaveis que os excessos dos carinhos maternos fazem surgir.

E' certo que entregava-se a longas meditações, quebrando a cabeça com o futuro de Guilhermina, e nesses instantes, evocando o seu passado, tocava em pontos dolorosos que lá estavam bem fundos, repousando na estrada do tempo vivido como a vaza no leito de um rio.

Nas occasiões, pois, das revoluções da alma, elles vinham a tona, torturavam-lhe a consciencia, despedaçavam-lhe o coração, mas baixavam de novo estes frangalhos, e

o presente, a obra rehabilitadora de muitos annos, resurgia limpido e claro como a agua de uma fonte crýstallina.

E' bem cruel, quando se é mãi, ter uma pagina na vida que os filhos não pódem lêr, que é preciso esconder-lhes, para que o berço onde nasceram não os faça enrubecer. E, no emtanto, d. Adelaide sentia-se pura, redimida, perdoada mesmo.

Mas se aquillo pudesse ser um empecilio para a felicidade de Guilhermina, se quizessem levar em linha de conta as faltas da mãi, esquecendo que uma existencia de muitos annos fôra consagrada á obra de sua rehabilitação?

Como a tórturava aquella agonia da alma!

Pobre mulher!

De seu lado, Guilhermina sentia atear-se o fogo que accendera-lhe no peito o olhar do rapaz no dia da missa do pai. Para ella, era questão resolvida — o Luiz pedir-lhe-ia a mão.

A moça, senhóra de si, não transpunha os limites da conveniencia, contida pelo instincto do pudor, confiando no tempo, sem precipitar os acontecimentos, cheia de esperanças.

Quando ouvia os passos do Luiz no corredor da casa, violento choque annunciava-lhe que era elle, e, rubra, tremula, corria para sala a receber o eleito do sen amor.

Mas aquillo devia ter uma solução.

D. Adelaide, zelosa do futuro da filha,

compreendeu que era do seu dever provocar uma explicação categorica ou obrigar o Luiz a espaçar as visitas, que, tão repetidas como eram, davam que falar ao publico.

Esteve alguns dias indecisa, faltando-lhe a coragem, não estando certa se obraria bem, mas, fazendo um esforço, abordou o rapaz e falou-lhe com franqueza.

Este, se bem que estivesse de sobre-aviso, esperando mais ou menos um ataque de d. Adelaide, não conteve a emoção quando a ouviu.

Com toda a delicadeza, evitando ferir a susceptibilidade do amigo da casa, desculpando-se do procedimento que tinha, fez-lhe sentir os inconvenientes daquella assiduidade, sem uma razão explicavel para o publico. Não havia em casa um homem, pois que o Frederico, irmão de Guilhermina, era um rapazola, sem o criterio preciso para impôr-se como tal. A ella, portanto, como mãe, cumpria evitar a maledicencia que, nos boatos cochichados, circulava pela cidade.

— D. Adelaide, respondeu o Luiz, comprehendendo o que a senhora quer dizer e sou o primeiro a louvar o interesse que manifesta pelo bom nome de sua casa, e longe de mim a idéa de a censurar por isso. Frequentando tão assiduamente sua familia, era meu proposito conhecer o character de d. Guilhermina, estudal-a intimamente, afim de resolver-me a dar um passo que todo o homem sensato reflecte antes de dar. Hoje que a convivencia com sua filha me per-

mittio aprecial-a sufficientemente, posso, certo de andar bem inspirado, solicitar-lhe a mão e prometter á senhora que consagrarei todos os instantes da minha vida á sua felicidade.

O rapaz calou-se, aguardando a resposta.

Uma emoção enorme embargou a voz á viuva, que nada soube dizer. Attonita por momentos, deitou ao moço um olhar perscrutador. Depois, enchugando discreta lagrima que trahia o seu contentamento, perguntou:

— Pensou bem no que faz, sr. Luiz?

— Pensei, respondeu o moço. E' uma aspiração que nutro ha muito e que meu coração approva.

— Mas olhe bem, tornou a mulher; Guilhermina é pobre, e, demais demais . . . o senhor bem sabe que eu . . . sua mãe, no meu passado . . .

— Não continúe, d. Adelaide, adivinho o que quer dizer e não permitto este sacrificio. Vejo diante de mim a mãe de Guilhermina e mais nada. O muito amor que lhe consagra a senhora, os sentimentos que incutio-lhe valem mais aos meus olhos do que qualquer falta de que lhe accuse a consciencia. Feliz serei se fôr bem aceito, emquanto que uma recusa causar-me-ia o mais profundo desespero.

— Está bem, sr. Luiz, está bem; vou chamar minha filha.

Levantou-se, foi para o interior da casa

e voltou com Guilhermina. Esta, compreendendo desde logo do que se tratava, vinha muito vermelha, acanhada, mas bella como nunca.

— Minha filha, disse d. Adelaide, o sr. Luiz pede tua mão. E' do teu gosto?

A moça não respondeu. Baixou os olhos por instantes, para erguel-os depois, cheios de ternura, murmurando com uma voz que vinha do coração, enquanto estendia a mão espalmada ao rapaz:

— Obrigada.

— Sr. Luiz, falou d. Adelaide, seria conveniente que por enquanto fosse guardada em segredo a combinação que acabamos de fazer. Não posso dizer a ultima palavra antes de ter uma deferencia para com os amigos do Soares, consultando-os sobre este projectado enlace. E' um dever a cumprir.

— Tem razão, minha senhora; approvo o seu procedimento.

Depois ficaram a conversar, muito alegres, até ás 11 horas mais ou menos.

Quando o Luiz saíu, Guilhermina, depois de abraçar muitas vezes a mãe, foi para o quarto deitar-se, custando muito a conciliar o somno, agitada como estava.

O rapaz, dois passos adiante da casa da familia do Soares, encontrou um amigo que seguia a mesma direcção que elle tomára.

— Então que ha de novo? perguntou este.

— O Luiz, muito agitado, apressando

o passo, quasi a estourar numa gargalhada, foi andando com o companheiro seguro pelo braço.

— Vem, anda; tenho gróssa novidade, mas não aqui.

Quebraram um becco, o do Poço, muito escuro e estreito. Enfiando-se ambos por corredor nauseabundo, pararam no meio das trevas.

O miseravel, então, segurando pelos hombros o amigo, numa explosão de hilaridade petrificou-o com esta phrase:

— Arrumei o pedido!

E, empurrando a porta, entraram.

Estavam no alcouce da Lucinda — na *espelunca*.

IV

A Lucinda tinha fama no becco. A sua celebridade corria de bocca em bocca entre os devassos de Porto Alegre, que ali iam passar umas horas de troça, de crapeza vil e baixa.

Era horrivel, asqueroso o spectaculo das noites consumidas ao clarão de uma lampada de kerosene, bebendo os convivas aguardente, salivando obscenidades, na disputa da gloria de deslumbrar com as abjecções praticadas.

Eram poucos, é certo, mas eram direitos, completos, quilotados por todos os vícios, babujando sobre a honra como cães famintos que vomitam nas sentinas as podridões que não digeriram na voracidade dos seus appetites.

A sala onde se reuniram era sinistra. O tecto ennegrecido cobria-se de têas de aranha e das paredes muito borradas desciam umas linhas negras de agua suja, humidade constante do velho pardieiro arruinado.

Uma mesa de pinho, manchada de vinho e café, pegajosa; um velho armario-bambo, escondo, sem portas, cheio de mu-

lambos, copos e garrafas; cadeiras de todas as fôrmas, sem assento umas, outras sem o encosto e outras ainda com tres pernas; uma grande arca de madeira coberta de couro já usado e esburacado; cortinas de chita desbotadas pelo tempo, cobertas de espessa camada de pó: tres quadros de Lafosse, muito amarellecidos pelo tempo, em que mulheres em posições indolentes representavam a Asia, a Africa e a America; um espelho muito grande e sem aço, carcomida a moldura: eis os moveis que atravancavam o espaço enfumacado onde aquelles viciosos entregavam-se a libações bacchicas.

Estreito corredor dava accesso para outro aposento, onde havia duas camas antigas muito sujas, com travesseiros que exhalavam o fétido concentrado de muitos suores, e lençóes emplastrados.

Era ali que aquelles porcos consummavam os seus gozos carnaes, de cambulhada, aos pares, cynicamente, aviltando até a propria bestialidade.

Mulheres de baixa classe, farpellas de voz rouca pelo abuso do alcool, desgrenhadas, cheias de piolhos, com longas tétas pendentes a balouçarem dentro de saccos de chita com pretensões a *paletots*, eram recebidas pela troça com *vivas* e *urrhas*, atijando o fogo do entusiasmo e incitando a todas as baixezas.

Nenhuma só deixava de ter appellido

característico, dando a medida exacta da gente que vinha ali.

A mais celebre era a *Maria Mingão*, a rainha dos *zungús*, alta, hexigosa, dentada, mas conhecedora de uns palavrões que encantavam a sucia.

A *Espirra-Cachaça* disputava-lhe a primazia. Tinha uma quédia especial pelo Luiz — *paixa*, como ella dizia, rebolando com os quadrís.

A *Rita-Batoque* era outra frequentadora, que nunca faltava aos pagódes, não tendo rival num *quêbra puxado a sustancia*, nem nas feiras em que levantava a perna até o tecto, sobretudo quando dançava com o Luiz, e isto *para metter figas na Espirra*.

E assim as outras, do mesmo calibre mais ou menos.

Naquella noite ia alta a orgia. A gente do costume lá estava a postos, tomando cachaça e cerveja ordinaria, comendo sardinhas com vinagre e cebolas.

E o Luiz, perguntou a *Espirra*, por onde andaré aquella alma?

— Sei lá, resmungou a Lucinda, a dona da *espelunca*.

O seu typo nada tinha de especial. Era alta, magra, muito magra. Sabiam quanto era atrevida, e tanto bastava para que fosse respeitada nos seus dominios. Tambem de quando em vez ella gostava de mostrar a sua autoridade, e intervinha nas frequentes questões que ali se davam, gritando:

— Psiu! não quero bulha aqui; não quero que pensem lá fóra que isto é uma casa de Orates.

Os diapasões abaixavam-se e a crioula sentava-se à mesa, servindo-se do copo de qualquer dos convivas e mettendo sem cerimonia os dedos no prato do que lhe ficava mais perto.

Era meia noite quasi quando entraram o Luiz e o Leopoldo.

Foi um successo! Todos puzeram-se a berrar: — Viva o Lulú; Viva o Leopoldo! Estes, satisfeitos, abraçavam os companheiros, beijavam as mulheres, pedindo em altos gritos: — Cerveja! Marca barbante! Sogra!

— Já pensava que você não vinha, disse a *Espirra*. Por onde andou?

— Tive que fazer, respondeu o Luiz. Negocios são negocios.

Propuzeram um vispora gerah.

Num abrir e fechar d'olhos limpou-se a mesa. A *Mingão* foi buscar as collecções e o sacco das pedras.

— Queremos pinga! berrou o Leopoldo. Sem isso não se joga.

— Já vai, já vai, *seu* apressado, atalhou a Lucinda. Fique quiêto, que aqui não se morre de sêde.

Travou-se uma discussão para saber quem cantaria primeiro. Resolveu-se a difficuldade pela sorte, que indicou o Leopoldo. Este, muito cheio de si, passou a annunciar os numeros, fazendo pilheria, dando-lhes apelidos que faziam rir a troça.

Emquanto jógavam, os parceiros conversavam. O Leopoldo contou ao visinho que o Lulú tratára casamento. A noticia correu a roda, e dahi a pouco começaram as indirectas, as chufas.

— Então, *seu* moleque, já sei que vai entrar em *massada*, disse o Anastacio. Temos *fazendinha* nova, 'ein!

— Qual o que! respondeu o Luiz; não ha nada.

— Ora, eu bem sei; Olha: e levantou as mãos ontrelaçadas.

— E' casorio? perguntou a *Mingão*.

— E', sim, atalhou o Leopoldo; mas não é dos que o padre arranja.

A Lucinda soltou uma gargalhada.

— Casorio assim eu comprehendendo. Já me casei muitas vezes desta fórma.

— E que *fazendão* arranjou o bilontra, disse piscando o olho o Anastacio.

— Vamos! ponham isto em pratos limpos! exclamou a *Espirra*. Nada de caixas *encroadas*. Hão de vêr que é alguma *pirúia*, e estão com partes! Ha de valer menos do que isto — e deu uma palmada na nádega.

Todos estouraram numa gargalhada.

— Pois lá vai a cousa, que é boa ás direitas, disse o Leopoldo. Ouçam.

Houve um movimento de attenção. Suspenderam o jogo e escutaram.

O Leopoldo, depois de virar o conteúdo do copo, começou:

— Este vivorio é bom ás direitas. E quem não tiver cuidado com elle, é engu-

lido. Começou a arrastar a aza a uma franguinha, farejou-lhe a porta por muito tempo, por fim entrou; a velha collocou-o entre a espada e a parede e, no apuro, elle lascou um pedido de casamento. Agora é questão de tempo. Qualquer noite destas o passaro bate o vôo, vem para aqui e quem arranja o casamento é a *sia* reverendissima Lucinda. Carne fresca, fresquinha! exclamou terminando.

Estas palavras foram recebidas com vivas aclamações por todos os circumstantes, que acercaram-se do Luiz, felicitando-o pela audacia e astucia. E com isto davam-lhe palmadinhas nas costas.

Só a *Espirra* ficou silenciosa, deitando ao Luiz um olhar de desprezo.

— Canalha! sem vergonha! disse accentuando as palavras.

— Já estás com ciumes, tão cedo? perguntou o rapaz.

— Ciumes?! eu? ciumes?! O que pensas que sou? Imaginas que por eu estar nesta vida não tenho coração?

— O que é isto, *sua Espirra*? interrompeu o Leopoldo.

— Cale-se, *seu sujo*! tornou a mulher. Nem mais uma palavra ou parto-lhe a cuia com esta garrafa! Vocês sabem que eu não consinto nesta bandalheira. Se eu soubesse quem ella é, ia já prevenir a familia, para evitar que seja seduzida uma pobre menina. Não ha tanta mulher perdida neste mundo? Para que prostituir outras que podem ser

felizes e virtuosas? Que canalha esta, no meio da qual eu vivo! Bem sei por que passei, para não desejar ás outras uma sorte igual. Mas ha remedio, e conto tudo, *tudo da silva!*

Estas palavras da *Espirra*, dictas num estado de exacerbação muito grande, provocaram um conflicto medonho.

— Cala esta bocca amaldiçoada! ber-rava a Lucinda; não mettas a cólher no que não é da tua conta, broaca do inferno!

— Rua com ella! exclamou a *Mingão*.
Rua! já para a rua!

O Luiz, muito atrapalhado, muito sur-prezo com o incidente, ficou receioso e tratou de abrandar a furia da outra, fazendo-se carinhoso.

— Isto é brinquedo, minha negra! Já-mais pensei em tal cousa! foi pilheria do Leopoldo.

Mas a *Espirra* já não era uma crea-tura humana, era uma furia: espumava, es-bravejava, dava com os braços e as pernas para todos os lados.

Ouviram bater á porta da rua. Era uma patrulha que passava.

— Está ahi o que queriam! disse furi-bunda a Lucinda. Estou agora mettida em boas. Já o meu compadre Fraga disse que não me livro de assignar termo de bem viver na primeira em que eu cahir.

Os rapazes foram entender-se com a policia.

— Não é nada, camaradas! dizia o

Luiz. Não façam caso, nós somos todos gente limpa, vamos suspender o bródio.

— Pois é acabar de uma vez! observou amuado um cabo, senão varejo a casa.

A Lucinda poz toda a gente no ôlho da rua e fechou com estrondo a porta.

O Luiz e o Leopoldo separaram-se dos outros e foram andando.

— Você vio? disse o primeiro, quasi que nos entornáram o caldo.

— E' verdade.

— Pois nada de brincadeiras, senão lá se vai tudo quanto Martha fiou.

— Sim, sim; e o que vamos fazer?

— Agora é por mãos á obra quanto antes, porque a cousa já me cheira a chamusco. Nestes oito dias hei de acabar com tudo. E' preciso, no emtanto, ter cuidado com a *Espirra*.

— Ora! questão de cobres, observou o Leopoldo.

E foram descendo o becco, resoando seus passos no silencio da noite que ia alta.

V

Em casa de d. Adelaide começaram a tratar do casamento. A viuva mandou chamar o Roberto Vaz, velho amigo da casa, e que fôra intimo do Soares. Expoz-lhe o pedido do Luiz e consultou-o a respeito.

— Para quando é? foi a primeira pergunta que elle fez.

— Para daqui a um anno.

— E' muito tempo, observou elle.

— Mas a menina não está preparada e eu não possô num dia dar conta do enxoval.

— Se é do seu gosto, se a menina tem amor ao rapaz e este sériamente pensa em casar, eu nada tenho a dizer; em todo o caso cumpre-me observar que a senhora deve ter muito cuidado e andar com cautéla.

Era evidente que o Roberto tinha suas duvidas, mas, bastante discreto para não comprometter a sua responsabilidade, achou mais sensato não avançar proposição alguma que decidisse do caso.

Outros companheiros do Soares, da mesma fórma não iam muito longe, limitando-se a dar conselhos a d. Adelaide, que os escutava com interesse.

Os noivos viviam felizes. A Guilhermina, esta então estava radiante, não cabendo em si. A pobresinha pensava no seu Lulú a todo instante, conhecendo as horas em que elle passava pela frente da casa, sempre a tempo á janella para receber os bons dias, as boas tardes, ora um *bouquet* de flôres, ora um chromo, emfim todas as bugigangas dos namorados. Aquillo tudo ella guardava como amuletos preciosos, numa gaveta, escondido entre as suas camisas. E que ninguem tocasse no que Lulú lhe déra; sahia o diabo em casa.

A' noite elle vinha fazer serão com a familia e sentava-se ao lado da moça, dava-lhe beliscões quando a mãe não olhava para elles, por baixo da mesa tocava-lhe nos pés, estabelecendo-se entre ambos uma intimidade secreta que escapava á perspicacia de d. Adelaide.

A's vezes elle adiantava-se mais, dando apertões na noiva, quando esta lhe vinha abrir a porta, ao escurecer.

Um dia foi mais longe e arrumou um beijo em Guilhermina.

Esta, muito envergonhada, zangou-se, mas elle explicou que entre noivos isso não era crime.

— Está bem, por hoje perdôo, mas não torne mais; depois de casadinhos, sim, disse ella com uma graça infantil adoravel.

A's vezes apparecia por lá o dr. Magalhães, velho gaiteiro, que dava o cavaquinho por conversas com moças. Este

começou a discorrer sobre o amor, e o Lulú, tomando desde logo o pulso do visitante, imaginou que era um homem de talento que ali estava, e entre ambos a discussão acalourou-se, interessando muito a Guilhermina, que seguia os dois com curiosidade sem par.

Quanta asneira, santo Deus, desperdiçada numas duas horas!

Nesta noite, ao sahir, aproveitando um momento em que d. Adeleide estava no interior, o rapaz abraçou violentamente a moça e deu-lhe uns quantos beijos, rapidos, ardentes, que incendiaram-lhe o coração.

Não resistio; apenas um sentimento de pudor fel-a dizer, com voz abafada:

— Deixa-me, deixa-me. . .

Num sabbado elle sahio cedo, dizendo que tinha de ir ao Club, que era director do mez e não podia faltar á reunião.

Guilhermina zangou-se, porque ella não indo elle não tinha que ir tambem.

— Mas é só por obrigação, meu amor; eu saio logo.

— Qual! eu sei. Os homens são assim. Você vai para lá e deixa-se ficar até alta noite, entretido com as outras, esquecendo-me a mim que aqui fico.

— Não, não penses isto de mim; pois posso eu estar em alguma parte que tua imagem não esteja commigo?

— Eu sei, eu sei. . .

— Olha, Guilhermina, escuta. Se eu não fosse director, lá não iria, e para prova eu ás honze horas passo por aqui; espera-me

á janella, que baterei de mansinho e tu verificarás.

— Não, isto não; é feio.

— Qual feio o que, menina; pois eu, teu noivo, posso pedir-te uma cousa que não seja correcta?

— Sim, mas o publico?

— Ora o publico.. este sabe que somos noivos.

— Está bem; eu virei verificar; mas... não, não vás ao baile!

— Vou, vou sim, que não tenho remedio.

— Então vai!

Dizendo isto, ella fez um gesto de despeito.

— Creança! disse o Luiz; não comeses assim. Eu te quero muito, muito. Se vou ao Club é porque preciso.

Reconciliaram-se e ella prometeu que ás onze viria á janella vêr se elle passava ou não.

— Ah! se não vieres, ameaçou ella, está tudo acabado.

— Doidinha, disse o rapaz, e bateu-lhe com carinho no rosto, espiando se a d. Adelaide não apparecia.

A's dez horas todos se foram deitar em casa. Meia hora depois a Guilhermina, erguendo-se de mansinho, vestida como se deitára, poz-se a escutar se ainda havia gente acordada. A respiração regular que vinha do aposento de sua mãe tranquilisou-a. A's apalpadellas, cautelosamente, foi andando, parando cada vez que sentia o sólo estalar sob os seus pés.

Chegou á sala, tremula, encostou-se á janella fechada com o ferrolho, tendo tido o cuidado de illudir a mãe, não arreiando a vidraça para não ter de erguel-a, o que poderia despertar alguém. Levantou o ferrolho com precaução e espiou para a rua. Nada! Um cachorro vagabundo acuava na esquina um preto coberto de andrajos. Teve medo e fugio com o corpo para dentro. Um instante após ouviu passos. Pensou que era o Luiz e espreitou de novo. Era um transeunte retardatario que farejou uma aventura no ar mysterioso com que a moça chegava á janella.

— Temos linguíça! disse elle continuando o seu caminho.

Guilhermina teve vontade de chamar-lhe idiota.

— Não, agora eu espero que elle bata; cerro a janella e fico de dentro, pensou ella.

Onze horas bataram na torre da matriz.

— Não póde tardar, disse comsigo.

Passou alguém; não era. De novo ouviu passadas ao longe, na calçada. Approximou se o ruido, estava diante da janella... continuava. não era elle.

De novo a mesma historia, os mesmos passos, mas ainda não.

— Que diabo, pensou ella, elle não virá.

Afinal... eil-ó... batem á janella... é o Lulú.

— Então, disse elle, com voz suffocada, enrolado na capa, com o chapéo cahido sobre os olhos; vim ou não vim?

— Estou á tua espera ha uma hora.

Beijou-lhe as mãos o rapaz e quiz que ella abaixasse o rosto.

— Não, não, murmurou ella baixinho; não, isto nunca; deixa-me, já te vi, vou para dentro.

— Escuta.

— O que? disse ella voltando.

— Espera um instante.

— Não, não me compremettas.

E sem esperar mais nada fechou a janella e tornou ao seu aposento.

Dormio mal e no dia seguinte acordou com os olhos inflamados.

O Lulú foi para casa. Os seus companheiros de *republica* dormiam a somno solto. Achou estúpido aquillo e teve vontade de ir á espelunca da Lucinda. Mudou de idéa, ficou em casa; os seus companheiros que passassem sem elle aquella noite; no dia seguinte lá iria.

Despio-se, accendeu um cigarro, deitou-se e ficou pensativo.

— Se eu pudesse contar com estes rapazes, pensou olhando para os outros que dormiam.

Mas repellio esta idéa porque bem sabia que elles eram bastante honestos para não se envolverem em semelhante patifaria.

— Segura ella está; hoje cahio na esparrella e mais dia menos dia está na rua — murmurava entre dentes.

Depois soprou a véla e virou-se para o lado da parede.

Pela manhã, como de ordinario, se bem que fosse domingo, passou pela casa de Guilhermina. Avistou-a de longe, mas cerrou a carranca para parecer incommodado.

— O que é isto? o que temos de novo? que cara é esta? perguntou a moça quando elle se approximou.

— Estou massado com a senhora, respondeu elle.

— Por que?

— Porque vejo que não tenho a sua confiança.

— Como?

— Fugio-me a noite passada, temendo de certo alguma cousa.

— Não, foi para guardar as conveniencias.

— Obrigado pela lição; até á vista.

Fingio que se retirava.

— Vença cá, seu homem *brabo*.

— O que é?

— Olhe, você duvida de mim, do meu affecto?

— Estou quasi duvidando.

— Pois bem, peça o que quizer que eu farei, mas não se queixe de mim se houver falatorio.

— Não; nem estes falatorios tão temidos hão de apparecer.

— Pois bem, que prova quer que lhe dê do meu amor?

— Quero que, logo, á mesma hora de hontem, venha dar-me boa noite.

— Mas.

— Ah! temos mas.

— Não, não, atalhou Guilhermina; eu virei, virei, mas á tarde você nos venha vêr.

— Não posso, vou trabalhar no escriptorio até tarde, que estamos dando balanço.

— Sempre desculpas; você anda ar-redio.

— Outra historia; não sei mais que fazer.

— Não, isto é brinquedo; eu creio em ti e não discuto mais.

— Então ás onze?

— A's onze!

O Lulú seguiu para o Continental. Tinha certeza do successo dos seus planos.

— F' cousa que está por pouco... por dias. E afagava já a esperanza do gozo tão almejado, que via chegar a passos largos.

VI

Os encontros á janella a horas tardias foram se repetindo com frequencia tal, que por fim aquillo era invariavel, todas as noites, mesmo quando chovia, não sendo despercebido aos transeuntes aquelle vulto, colado á parede, de guarda-chuva aberto, em colloquio com uma mulher.

Isto é assim mesmo.

Vencida a primeira resistencia do pudor, o que se nos afigurava uma incorrecção é aceito aos poucos e por fim a repetição do mesmo acto torna este aos nossos olhos uma cousa naturalissima.

Como não echôa mais no nosso fôro intimo a voz exprobradora que a primeira vez nos admoestou, como não vai no que fazemos um intuito conscientemente deshonesto, julgamo-nos na pratica de uma acção licita e ácima da critica do mundo.

E' o que se dava com Guilhermina. O diabo não era tão feio como lhe parecêra, e se bem que com medo de ser surprehendida pela mãe nas horas das entrevistas secretas, nem por isso se julgava merecedora de censuras.

Era seu noivo, seu futuro esposo, repa-

raria, pois, com o subsequente matrimonio estes actos que não tinham consequencias sérias. E' verdade que elle a beijava mais do que nunca e que se atrevia mesmo a ir mais longe, sem comtudo ousar ainda pedir a sua posse completa. Mas o que tinha isto? Ella propria dava já os seus beijinhos e sentia um gozo tão profundo, um esprequiçamento tão dolente quando o rapaz a aconchegava ao seu peito, que quasi desfallecia.

Uma vez elle chegou a propor um passeio, uma volta de carro, que a noite estava tão bella e ninguem saberia de cõusa alguma.

Ella repellio a proposta um pouco asperamente.

— Pois que, você mesmo quer isto ?

— Estou brincando, disse elle confundido.

Entretanto um dia cahio o raio em casa.

O Roberto Vaz, informado dos *rendez-vous*, tirou-se dos seus cuidados, foi á casa da viuva e pol-a ao corrente de tudo.

Isto foi o diabo. D. Adelaide revolucionou céos e terras, cahio em cima de Guilhermina, desandou-lhe uma descomponenda sem nome, que a fez chorar amarguras.

A' noite, quando o noivo veio fazer a visita do costume, passou por uma decepção tremenda.

A moça não o recebeu á porta como de ordinario, mas foi a mãe quem o intro-

duzio, mostrando na expressão do seu rosto que andava *marosca* no ar.

— Sente-se, disse d. Adelaide, com gesto despachado.

O rapaz, muito embaraçado, deixou cair o chapéo, atrapalhou-se todo e muito encalistrado esperou.

— Meu caro, disse a mulher, ponhamos os pontos nos iii. O senhor é noivo de minha filha, mas não é seu esposo ainda e portanto tem de respeitar a distincção entre uma e outra cousa. Amanhã ou depois uma razão inesperada ou um imprevisto qualquer rompe a combinação e não me convém que a Guilhermina saia desta historia com a reputação arranhada. Sei do que os senhores fazem alta noite e toda a cidade o sabe tambem. Isto não me serve e é um abuso de confiança de que não o julgava capaz. O remedio deve ser energico e cumpre cortar o mal pela raiz. O casamento é daqui ha alguns mezes; já vendi a minha casa para preparar a noiva; pois até lá o senhor será mais conveniente, virá á nossa casa tres vezes na semana, demorando-se quando muito duas horas, e isto de segredinhos á janella, sem minha sciencia e com o conhecimento de toda a gente, nem por sonhos torne a fazer, senão eu viro tudo de pernas para o ar.

O Luiz titubeou uma desculpa, mas a mulher cortou a conversa.

— A Guilhermina hoje está doente e eu tenho que fazer. Venha outro dia. E

foi se levantando para o moço tomar o caminho da rua.

Fulo, quasi estourando de raiva e de despeito, nem se despedio, jurando vingar-se.

Acalmou, porém, a furia e vio que era preciso ser prudente e que talvez o incidente viesse auxiliar os seus planos. Foi para casa e começou a meditar.

Por fim escreveu uma carta muito longa, cheia de lamurias, dizendo-se victima da crueldade de uma mãe sem entranhas, como era d. Adelaide, e protestava não tornar a pôr os pés em casa da noiva. Não rompia porque acima de tudo estava o seu amor, mas havia de tirar vingança. Propunha, pois, que se correspondessem até ulterior deliberação. Ia apressar o casamento e quanto antes havia de acabar com o jugo de d. Adelaide.

A carta, como sempre, chegou facilmente ao seu destino, confiada á ganancia de uma criada mais careira do que o correio, pois cobrava um mil réis de sello.

A moça tentou, nas respostas que lhe enviou, dissuadir-o do seu proposito de continuar cortado com a mãe. Dizia que aquillo não tinha importancia, que era cousa inconveniente para ambos.

Elle, porém, fazendo-se forte, respondia que nunca, que seu amor proprio fôra ferido e que não era habito seu perdoar taes offensas.

E assim passaram-se dias, uma semana, duas.

D. Adelaide não julgava as cousas terminadas, se bem que a ausencia de Luiz a preocupasse. Levava ainda assim o facto á conta de um capricho, achando natural que elle se sentisse com o *raspe*.

Para ella o casamento se fazia, não tinha que duvidar, era questão de tempo. Apressava o enxoval, trabalhando em sua companhia duas amigas que vinham banhar a roupa branca da moça, as camisas de linho, as saias de morim, do melhor que o Felizardo tinha, especialista nestas cousas. As batas bordadas de linho italiano que tinham encontrado no Dapello eram o encanto das costureiras.

D. Miloca dizia que havia de copiar os bordados, para fazer concurrencia aos carcamanos. A d. Chiquinha gostava muito de amaciar com a mão as meias de seda que o Amaro empurrára, bem carinhas, mas que eram sem rival.

— Ora qual! dizia a d. Miloca, o Chico do *Confiança* tem disto, e muito bom, que vende quasi de graça.

— Eu vou hoje lá, disse d. Adelaide; vou ver uns roupões de que tanto me falou hontem a Emilia.

E nisto passavam o tempo, emquanto o trabalho ia a galope.

A noiva ás vezes chegava ao lugar onde trabalhavam, pegava em tudo, dava a sua opinião, mas não era capaz de ajudar.

— Nada, que nisto não metto a mão,

dizia ella; é de máo agouro a noiva trabalhar no enxoval.

— Para quando é? d. Adelaide, perguntou a d. Miloca.

— Não sei bem, mas creio que lá para setembro acabo com isto. O bobo anda zangado, não tem vindo, mas se não voltar nestes oito dias, irei buscal-o.

— Deixe, deixe, não se incommode; eu sei o que são estes arrufos, observava a d. Chiquinha, velha solteirona, que contára mais de uma aventura amorosa na sua existencia, mas nenhuma com resultados praticos.

— Ah! eu não me affijo, mesmo porque — respondeu a mãe abaixando-se para não ser ouvida — elles, estou bem certa, andam de cartinhas para lá e para cá.

— Ora . . . ora . . . tornou d. Chiquinha, para o que foi que se inventou o papel senão para os namorados falarem sem ser ouvidos.

Nesse dia uma carta, trazida com todas as cautelas pela crioula, poz em alvoroço o coração da moça. Era urgente, cheia de phrases curtas, tresandando a mysterio, muito laconica, como se fosse escripta sob a pressão de um perigo imminente, uma ameaça de transtornar todos os planos.

Era assim concebida.

«Guilhermina,

«Novidade terrivel; tudo ameaçado. Não imaginas como estou atordoado. Grande

perigo sobre nossas cabeças. E' uma desgraça. Como te poderei falar, sem que tua mãe saiba? Vê se descobres um meio. E' preciso que antes das oito horas te faça sabedora de séria occurrencia. Rondarei immedições de tua casa á espreita de momento favoravel. Confia em mim. Sou teu noivo vivo ainda, mas que morrerá se não te falar hoje.

«Todo teu,

LULU.»

Quando Guilhermina acabou a leitura da missiva sentio uma oppressão no peito. Teve um presentimento. Torturou o espirito buscando uma decifração para aquelle enygma. O que seria? Que desgraça os ameaçava? Não sabia o que fazer. Nervosa, tomou de um papel e escreveu com mão tremula esta resposta: «Sou tua noiva para a vida e para a morte. — G.»

Capeou o recado e remetteu-o pela criada.

Depois, muito atordoada, apprehensiva, foi para o piano, para disfarçar a sua agitação e não atear as suspeitas da mãe.

Não podia tocar. Ensaiou varios trechos, mas todos saíam errados. Fechou o instrumento e foi para o seu quarto.

Deitou-se á hora do jantar, accusou uma dor de dente para não vir a mesa.

Esperou a noite com anciedade, não sabendo o que lhe trariam as trevas quando encobrissem a terra.

VII

A noite descia do céu lentamente: a luz crepuscular enchia de uma claridade mortiça as ruas. Lufadas de vento frio e cortante fustigavam o rosto dos transeuntes. Nas lojas e officinas começavam a accender as luzes. Os patrões vinham para as portas e apoiando-se aos portaes distraiam o olhar pela rua afóra. A's janellas moças faziam o *chilo*, conversando em voz alta.

O Luiz passou apressado em direcção ao escriptorio.

Deitou um olhar de soslaio para a casa da noiva. Deu com d. Adelaide á janella e fez um ligeiro cumprimento.

Achou de bom agouro não ver a noiva.

— Está assustada, pensou.

Entrou em casa esfregando as mãos.

Era evidente que elle tinha uma preocupação, que interessava-se por alguma cousa.

Conversou, fumou, não contendo a sua agitação, indo a todo instante para a porta, consultando o tempo, o relógio.

Ninguem dava pelo motivo de sua inquietação.

— Tens o diabo no corpo hoje, observou alguém.

— Eu? ... Onde é que viste isto? ..

— Não socegas ...

— Qual! ... Isto é frio.

Sete horas bateram na pendula do Felauer.

— Homem, disse elle, tenho que dar um pulo á casa de um sujeito; volto já.

Depois, tornando atraz, disse:

— Estou com um pouco de dôr de cabeça; se não voltar até ás 9 horas é porque vou dormir.

— O que tens, te sentes mal?

— Não; cousa ligeira; não é nada.

Enrolado na sua capa desceu até á praça Conde d'Eu. Parou um instante e ficou impaciente a olhar para todos os lados, como quem procura alguma cousa.

— Que espiga! murmurou entre dentes... Já são sete horas e o diabo não vem.

Nisto apontou, vindo do Caminho Novo, um carro fechado.

— Afinal! disse.

E avançou ao encontro do vehiculo.

Quando chegou á fala, ordenou ao cocheiro que se fosse postar á esquina da rua da Alegria, voltado para o lado da Misericordia.

— E faça o que ensinei, ouviu?

— Não tem nada! respondeu o cocheiro. Conheço do meu officio, esteja descansado.

— Olhe lá ..

— Não tenha medo.

Separaram-se, o carro subindo a rua e elle tomando pelo becco do Rosario.

Foi andando pela rua do mesmo nome, voltou á direita pela do Riachuelo e desceu a de Bragança.

Vio que eram sete e meia. Entrou na *Gruta Recreativa*. Pedio um cognac e tomou-o de um gole, ao balcão mesmo.

Chegou á porta, mas tornou a entrar immediatamente.

Serviram-lhe segundo calice.

Pagou, percorreu com os olhos as paredes, distraído.

Foi á porta de novo. Vio á janella da casa de d. Adelaide uma cabeça.

Era a de Guilhermina.

Fez um signal; a moça chamou-o com a mão.

Enrolou-se na capa e veio a passos rapidos.

— Chega á porta, Guilhermina, disse com voz tremula e rapida, chega á porta.

‘ A moça, muito espantada, olhou para dentro, para assegurar-se de que a mãe os não via, e veio ao corredor.

Elle a segurou pela mão e muito nervoso puchou-a para a porta, dizendo:

— Escuta, pelo amor de Deus, vem, não resistas, é para a nossa felicidade. vem... é aqui perto.... pertinho... uma cousa grave .. vem... vem...

A moça quiz recuar. Instinctivamente estacou. Mas a agitação do rapaz, o seu amor, o receio de ser surpreendida, o concurso destes tres sentimentos fizeram-na andar sem consciencia do que fazia. Só.

então vio que a sua vontade desaparecêra e que, escrava do seu amor, não sabia lutar com a paixão que a devorava. Luiz a governava, a arrastava a seu bel prazer.

Chamando a capa para cima da cabeça, saltou para a rua e acompanhou o rapaz.

— Para onde vamos?

— E' aqui.. aqui. respondeu elle apressando o passo.

A' esquina estava o carro. Antes que ella tivesse tempo de discutir o que fazia, o moço a empurrou para dentro e entrando em seguida fechou a portinhola.

O cocheiro fustigou os animaes, que, num arranco vigoroso, puzeram em movimento o vehiculo. Só então Guilhermina teve idéa exacta do que se passava.

— Lulú!... gritou a infeliz.

— Não grites, pelo amor de Deus, falou elle, tapando-lhe a bocca. E' o teu noivo que está aqui; nada temas.

— O que estás fazendo, para onde vamos... e minha mãe?

— Não fales, não tenhas medo.

E o carro voava sobre as pedras da calçada, estremecendo os vidros das portinholas, que com o ruido abafavam as vozes.

De repente pararam. Saltemos, disse elle.

— Onde vamos?... Quero tornar á casa... não faças isto.

— Tolinha! Vem, vem!

A moça obedeceu. Vio que estava na rua do Riachuelo, quasi no becco do Poço.

O carro continuou e elles metteram-se no becco. Ella, muito nervosa, nada dizia.

A uma porta uma preta quando os vio sumio-se para o interior.

Eram esperados. Num instante entravam pelo corredor escuro, nauseabundo, da espelunca da Lucinda.

Guilhermina sentio que fechavam a porta e as janellas.

Da rua chegava-lhe aos ouvidos uma canção obscena, que sahia de uma voz muito rouca, voz de mulher bebedeira que distrahia as maguas cantando:

«Moça bella, virgem formosa,
«O teu amor dá-me, querida,
«Em meu peito esta paixão
«Me despedaça o coração.»

Era a *Espirra*, coitada, que á porta da rua cantarolava e que os não vira entrar.

No immundo quarto onde o rebutalho da prostituição, o lixo da sentina vinha escoar-se, foi que a virgindade de Guilhermina recebeu a primeira affronta.

Nem a infamia do lugar, nem a recordação das scenas hediondas do passado actuaram bastante fortemente sobre o Luiz para poupar á desgraçada aquella humilhação sem par.

Entrava a infeliz no caminho do vicio pela porta estreita de um alcouce, onde as

outras acabavam quando o viço da mocidade, o colorido das faces desapareciam invadidos pela syphilis. Ella não tinha mais que descer, dalli tudo era subir. Cahira de um salto, enterrára-se no lôdo até á cabeça e nelle patinharia antes de tornar á tona. O corpo não se prostituia sómente, não se polluia pura e simplesmente, mas aviltava-se, descia á ultima degradação, arrastado inconscientemente por um amor puro, ideal, grandioso.

Elle fez de alcova nupcial o alcouce da Lucinda; em troca do altar, a espelunca, a cupola branca e sedosa do leite de noivado substituido pelo tecto asqueroso e negro do pardieiro! E, ironia cruel da sorte! os afagos e carinhos do esposo amado, cheio de ternura, tímido, infantil, diante do seu pudor de donzella, tantas vezes sonhados, o que eram?

A besta com todos os instinctos soltos a segural-a pelo braço, vigorosamente, brutalmente, arrastando-a para a cama antiga, de lençoes emplastrados, onde horas antes a *Mingáo* ganhára o pão de cada dia.

Resistio, gritou!

Embalde! Ninguem acudio.

Com os olhos esbugalhados, excitado ao ultimo ponto, convulsionada a face numa contracção epileptica de sensualidade, sem dizer uma palavra, rasgando-lhe as vestes, debruçando-se sobre ella, suffocando-a com o seu halito de fogo, roncando como um agonisante, magoando-a com as pernas, pren-

dendo-lhe os braços com os dedos que eram como as antenas de um polvo, suffocou-lhe num beijo quasi mordedura o grito ultimo da virgindade que lhe arrancava num impeto de louco, para rolar exaustão sobre o solo, no meio dos escarros e das pontas de cigarro do amante da *Mingáo!*

Estava consummado o crime. Guilhermina não era mais donzella.

A pobre moça não se movia. Um torpor sem nome a immobilisára. Dir-se-ia petrificada ante aquella ignominia.

O rapaz ergueu-se e veio dar-lhe um beijo. Ella nada disse. Fria, hirta pelo soffrer, era como uma morta. Elle pensára que tocára num cadaver.

— Guilhermina! chamou.

A moça não respondeu.

— Guilhermina! Guilhermina!

Ella pareceu despertar. Ergueu o corpo, apoiando-se nas mãos. Elle sentou-se a seu lado, passou-lhe a mão pela cintura.

— Guilhermina, meu amor, minha vida! murmurou.

Só então ella pareceu comprehender o que se passava. Attonita, olhou em torno de si e, de subito, escondendo a cabeça no seio do rapaz, rompeu num pranto, meu Deus, que pranto, longo, soluçante, vindo das profundezas do coração.

— Luiz, o que fizeste!..

Foi só o que disse.

VIII

Em casa de d. Adelaide não deram pela falta de Guilhermina senão por volta das 9 horas.

A mãe, indo ao quarto da filha, que não viera á mesa e não a encontrando allí, chamou por ella. Buscou pela casa toda, mas foram infructíferas as suas pesquisas.

Assustou-se, foi á sala, olhou para a rua, perguntou a uma vizinha se não vira Guilhermina.

Ainda assim tentou conservar a presença de espirito. Os vagos receios que começavam a agitar-lhe o coração ella os combateu, confiando no bõem senso da moça, na sua virtude, nos elevados sentimentos que sempre manifestára.

Meia hora passou-se assim. Era insupportavel aquella duvida, cumpria quanto antes tomar uma resolução. Por fim o grito tão contido, a explosão da ternura echoou vibrante nos angulos da habitação e d. Adelaide, no auge do desespero, feita a luz em seu cerebro, cambaleou, ergueu as mãos para o ar, como quem busca um ponto de apoio, e cahio pesada, como morta, sobre o assoalho. De todos os lados accudia gente,

emquanto que Frederico, o irmão, informado do que se passava, corria para a rua a dar as providencias necessarias.

Foi chamar dois amigos de casa que, presurosos, vieram ao encontro da viuva desolada.

Já tornada a si, d. Adelaide estorcia-se num desespero sem nome, bradando: — Minha filha! minha filha!...

Que era obra do Lulú ninguém poz em duvida e o mais acertado era quanto antes ir ao seu encalço. Não se podia de certo saber a que horas a moça desapparecêra, mas todos acreditavam que não podia ter sido ha muito.

Eram mais de dez horas quando puzeram-se em marcha. Os dois amigos, farejando a origem do rapto, foram á *republica* do Lulú.

Com pasmo enorme deram com elle sentado á mesa, jogando o sólo com dois companheiros, emquanto que um terceiro, deitado sobre um canapé, lia na *Federação* o assombroso numero de adhesões republicanas, signal evidente da derrota liberal em toda a linha, na batalha que se feriria na manhã seguinte.

O Luiz apparentava grande calma e tivera a prudencia de não confiar aos amigos o crime monstruoso que praticára.

Elle assim obrava para ter tres vezes convencidas em seu favor, certo como estava de que o viriam chamar a contas.

A apparição dos dois protectores, de

d. Adelaide não causou estranheza aos moços da *republica*.

Influencias que eram no partido liberal e o facto de ser o Luiz mesario, parecer-lhes sufficiente para explicar aquella visita fóra de horas, tanto mais que pediram ao noivo de Guilhermina uma palavra em particular.

No instante após voltaram á sala e o Lulú prevenio que sahia.

— Onde vais? perguntou o Anastacio, que era de casa.

— Não é de tua conta, respondeu um dos recém-chegados, dissimulando; vocês são conservadores e isto é negocio politico. Satisfazia a explicação.

Sahiram os tres e foram para a casa de d. Adelaide. Na conversa que haviam tido em segredo o Luiz fóra inteirado do rapto da moça.

A sua physionomia trahio-o. Era preciso pol-o em frente da viuva para sustentar a sua innocencia.

O que passou-se lá não se descreve.

Como uma leôa, a mãe atirou-se a elle.

— Quero a minha filha, miseravel, ladrão! Vai buscal-a, seductor infame, canalha, sem vergonha!

— Mas eu não sei de nada, respondeu elle, muito branco, tremulo, balbuciando o que dizia.

— Mentos! gritou d. Adelaide, e, sublime na sua furia de mãe, altiva, transfi-

gurada pela dôr, com o olhar chammejante, avançou para elle, erguendo a mão.

Conteve-se ainda, e, mudando de tom, rastejou a seus pés, humilde, implorando com as suas lagrimas a filha, a sua filha querida.

— Tenha pena de mim, senhor Luiz, disse ella, compadeça-se de minha dôr, eu sou tão desgraçada, serei tudo o que o mundo quizer: baixa, miseravel, indigna, serei merecedora de todos os insultos, desprezem-me, maltratem-me, mas eu sou mãe e não quero ver prostituida a minha Guilhermina, a minha filha. Por sua mãe também, senhor Luiz, por sua irmã, não prosiga, dê-me a minha filha, não a tome por esposa, mas não a prostitua. Ella é tão carinhosa, tão innocente, que não deve soffrer este opprobrio; ouça, senhor Luiz, ha tantas mulheres no mundo, devassas, perdidas, não atire minha filha ao lôdo!

E, soluçando, arrancando os cabellos, bem longe de imaginar o que se dera, a mulher batia com a cabeça no chão, segurava o rapaz pelas pernas, erguia o rosto desolado, banhado de lagrimas, esperando commover aquelle patife insensivel, de pedra, a sorrir-se de tanta angustia.

— Ah! bradou a viuva dando um salto e pondo-se de pé, tu não respondes?

— Eu não sei onde ella está, respondeu.

— Não sabes? . não sabes..

E, de novo, horrivel de dôr, escumando a raiva, o desespero, d. Adelaide, devoran-

do-o com os olhos, approximou-se e bateu-lhe nas faces duas vezes!

Um ligeiro colorido tingio o rosto do rapaz com a acção physica das mãos da mulher sobre a sua carne. Elle foi imperturbavel.

Os amigos intervieram, pondo um termo á scena.

D. Adelaide, porém, avançou ainda e cuspiu-lhe na cara um escarro com laivos de sangue.

— Vamos, vamos, disse um dos circumstantes e empurrou para fóra o canalha, que limpava o escarro com o lenço, mudo, anniquillado pela affronta.

Na rua disseram-lhe que era do seu dever sahir em busca da noiva, uma vez que persistia em negar a autoria que lhe imputavam do rapto.

Elle concordou e pediu que consentissem que fosse buscar a capa.

Tinha frio, o cynico, mas não tinha vergonha.

Tomou a direcção da *republica*.

Os companheiros, mui socegados, nem por sonhos imaginando o que se passava, viram-no entrar muito desfigurado.

Impressionados, questionaram-no.

— A minha noiva foi raptada, disse elle, e eu sou accusado!

— Não é possível! exclamaram a uma voz os tres.

— Pois accusam-me e acabo de passar máo momento em casa da mãe.

Ingenualmente os amigos de Luiz acreditaram que elle era calumniado. Tinham estado a jogar; elle entrára ás dez horas; como, pois, podia ter raptado Guilhermina?

Generosamente puzeram-se á sua disposição, mas o Luiz, que viera buscar a capa, não sahio mais; medroso, covarde, não ousando emfrentar com o seu crime, incapaz de apparentar com um interesse hypocrita que não elle, mas outro qualquer, na sua convicção, havia levado comsigo a filha do Soares.

Não sahio; foi para o quarto, dizendo mal de d. Adelaide, maculando o nome da noiva, que era uma... e que afinal elle escapára de boa não casando com ella.

Na rua os amigos de d. Adelaide esperavam em vão. O Lulú não vinha. Elles já o haviam supposto, em todo caso sempre esperaram.

Por fim foram andando, dirigindo os seus passos para onde houvesse uma possibilidade de chegar-se ao descobrimento da verdade.

A policia poz-se em actividade, batendo os lugares suspeitos. A espelunca foi varrejada e a Lucinda, muito assustada, sempre confessou a metade — que lá tinha estado uma joven, de cabellos negros, trança cahida, em companhia de um moço de capa. Que depois de demorarem-se uma hora, tinham partido, não sabendo para onde; que a moça gritára muito, mas que não havia

reparado nas feições do cavalheiro, que encobrira o rosto ao entrar.

Não havia duvida, pois, o Luiz estava descoberto.

IX

Activavam-se as diligencias nos dias subsequentes. De todos os lados accudiam os amigos do Soares, indignados, protestando tudo empenhar no sentido de ser desagravado o nome da familia.

A policia, esta, se bem que sob a direcção de um chefe de talento, de grande energia e incapaz de recuar uma linha no cumprimento do seu dever, nada alcançava, já pela ineptia das autoridades subalternas, já pela transigencia constante dos ajudantes, que cediam a todos os empenhos.

O destino de Guilhermina tornára-se um mysterio.

Os mais dedicados da casa do Soares, o *Tempestade*, o Menezes e outros andavam numa *lufa-lufa*, correndo para aqui, accudindo para alli, fazendo espionagens alta noite, seguindo vultos suspeitos, não dando tempo ao Luiz nem para comer.

A imprensa, em sua maioria, conservava-se em discreto silencio sobre o facto. O *Mercantil* e a *Folha da Tarde*, porém, romperam com a consideração e fulminaram o Luiz com artigos vigorosos, em nome da moral, pedindo vingança.

O dr. Alves Lopes, que chegára da côrte, foi instituido advogado da familia.

Muito gordo e muito baixo, com uma barba muito cerrada e negra, o patrono de d. Adelaide nada alcançava com os recursos de sua argucia, passando o tempo com o chefe de policia, muito desolado com o facto e com a inepecia dos seus auxiliares.

O Luiz resolveu affrontar a opinião publica. Bem sabia que a convicção geral era contra elle, mas nem por isto se deixava vencer pela reacção que o seu acto despertára.

Incapaz de uma nobreza, não estendeu a mão reparadora á infeliz que occultava a todos os olhares.

Chegou a obrigar-a a escrever uma carta, como se fosse feita antes da sua sahida, prevenindo a mãe do passo quê dava, e mandou mettê-la no piano, pela criada que era a estafeta da sua correspondencia com Guilhermina.

Depois outras cartas escriptas pelo punho da moça advertiam a autoridade de que esta agia por si, livremente e sem coacção.

Mas a tudo isto ella não apparecia.

O raptor fazia-se forte. Era a todo instante desfeitoado, repellido, mas não se movia.

Cynicamente apresentava-se nas ruas, nos cafés, rindo da reacção social, imaginando talvez que nunca succumbiria.

Que um homem arrastado por um senti-

mento irresistivel, violento, ouse desencaminhar uma moça, é factó que, se não tem perdão, é ao menos attenuado, quando tem como causas determinantes uma paixão vehemente, contrariada por circumstancias graves.

Mesmo que no momento de executar o seu attentado elle não tenha em vista o matrimonio, ha sempre nelle uma prova de grandeza d'alma se repara a sua falta com o casamento.

Mostra isto que, acalmado o seu impeto primeiro, a dignidade dictou-lhe uma ordem á qual não procurou resistir.

Que, no caso do Luiz, o casamento seguindo-se ao rapto era a unica reparação possivel, nem se discute, tanto mais que o seu proceder surgio cercado de aggravantes que o tornavam repellente aos olhos do mundo.

Elle começou por uma obra lenta de suborno, o do coração da moça. Tornou-se seu noivo para adormecer a prudencia da mãe, legitimando a sua insistencia ao lado de Guilhermina com a trôca de promessas.

Depois foi operando aos poucos a sua perfida tarefa, insinuando-se no espirito de quem o adorava, captando todas as confianças, manietando a vontade de Guilhermina para tornal-a impotente diante da minima exigencia de seus caprichos.

As naturezas tropicaes, muito ardentes já por si, incendiadas ainda por cima pelo amor, pela insistencia com que o ente amado,

sempre a seu lado, atíça o brazeiro do coração, encontram a justificação de um desatino nestas causas que os carinhos da familia devem evitar.

Quem ousará atirar a primeira pedra nesta desgraçada?

Não foi uma victima da sua ingenuidade, do seu amor, da escravisação da sua vontade ao amante traçoeiro?

Não tinha elle se assenhoreado de todas as fibras do seu coração?

Não era o seu noivo falando em morrer, em desgraça imminente, perturbando a placidez da sua alma, turbando-lhe os sentidos, que a surprehendera no seu estupor, fazendo com que ella andasse automaticamente, impellida por uma força inconsciente, brutal, a que se não resiste?

Rolára num precipicio, é certo, mas elle sómente poderia reerguel-a.

Os phenomenos psychologicos não se operam com tanta rapidez que na vertigem da queda Guilhermina não começasse a odiar o homem a quem se devotára de corpo e alma. Esta transformação far-se-ia lentamente como o affecto que creára no peito.

O nojo da espelunca viria mais tarde e só então o Lulú — idolo passaria a ser objecto de repulsa.

Os sentimentos exagerados têm sobre as almas puras a mesma acção que os alimentos muito fortes sobre os estomagos delicados. Estes recebem, é verdade, o ali-

mento e tentam a sua digestão, mas, impotentes, revoltam-se e vomitam-n'ò, de envolto com a bilis.

Assim as almas: ellas prendem-se aos extremos affectos, mas revolucionam-se e cospem-n'os fóra com o despeito, a amargura, o odio, que são a bilis do coração.

O Lulú era um prato muito pesado e Guilhermina não o havia de digerir.

Ainda que ella quizesse tentar, não conseguiria fugir á lei fatal: mais dia menos dia todo o seu amor, transformado em odio, iria pesar sobre o Luiz como um guante esmagador.

E elle, quem sabe? quando outros tivessem passado sobre o corpo que elle manchára na cama da *Mingáo*; quando os traços do seu primeiro beijo, tão ardente e bestial, tivessem desaparecido, cobertos por outros; quando aquella carne que elle possuira virgem sentisse o contacto de outro corpo que não o seu; quando ella, conformada com a prostituição, lhe batesse na cara com a porta da sua alcova: talvez, devorado pelo ciume, viesse rastejar implorando um frangalho, uma esmola, infima fracção do thesouro que desperdiçára.

O mundo é isto, e assim ha de ser enquanto o homem tiver instinctós, sentimentos e paixões.

X

Passavam-se os dias. Cançados de tantas investigações infructíferas, foram os amigos do Soares abandonando a causa.

O que havia mais a fazer? O Luiz tivera tempo para tudo e Guilhermina não apparecia, mas dava noticias suas. Ninguém mais cogitou do facto e d. Adelaide curvára a cabeça ao golpe cruel da sorte!

Estava feito. A recordação do crime perdurava no espirito de todos e sempre que o Luiz apparecia causava um constrangimento sem nome.

Voltavam-lhe as costas com desprezo, negavam-lhe complimentos, tratavam-n'o de resto em summa.

No club um homem de energia propoz a sua expulsão, e sem que pessoa alguma protestasse foi riscado da lista dos socios.

As moças não ousavam encaral-o quando elle passava. Não falavam nelle; era um sacrilegio pronunciar-lhe o nome.

Só então sentio elle o peso da reacção e teve medo.

A sua audacia abateu-se e não ousou mais affrontar a sociedade.

Andava humilhado, pensativo, triste. Um remorso sem nome o devorava interiormente. Começou a faltar com os seus deveres. Deixava-se preso em casa horas e horas, ao lado de Guilhermina, vivendo juntos, sob o mesmo tecto.

A moça, presa de uma melancolia profunda, finava-se a olhos vistos. Não era mais a mesma creatura. Emagrecêra e uma pallidez marmorea substituíra as cores vivas do seu rosto.

Quasi que não tomava alimento algum. O Luiz conversava pouco e ella sentia esfriar o seu affecto diante da resistencia tenaz que lhe offerecia sempre que ella falava em casamento.

Um dia o rapaz entrou muito aborrecido. Estava malcriado e deitava uns olhares de espantar.

Ella tentou saber o que era.

— Por tua causa perdi o meu lugar; despediram-me da firma. Estou sem recursos.

— Por minha causa? perguntou ella humildemente.

— Sim, por tua causa; tu és a minha desgraça.

Aquillo fez-lhe mal. Ella chorou com injustiça tão cruel.

A' noite não dormio, passou-a em claro, na sala, estendida em um sofá, chorando muito, indignada com tanta covardia.

— Pois então, pensava, eu que me sacrificuei, que abandonei familia, sociedade, que consenti na minha infamação, sou res-

ponsavel pela sua desventura? E a minha não será mil vezes maior? Elle ainda tem remedio, eu . . não. Sou uma perdida e o mundo não tem contemplações.

Teve raiva, pensou em sahir para a rua, ir á casa da mãe, ajoelhar-se, pedir o seu perdão e um lugar, na cosinha mesmo, humilhada, arrependida.

Mudou de idéa, mas pensou em vingar-se.

— Se eu o abandonasse? disse.

E ruminou um milhão de planos. Aceitaria o primeiro homem que se offerecesse e iria com elle, deixando o Luiz, o canalha que a prostituira, que a arrancara virgem de casa da mãe e que ainda por cima a tornava responsavel dos seus desastres.

Vio com espanto, num espelho, que estava muito desfigurada, feia.

— Preciso rejuvenescer, tornar a ser bella, murmurou.

E deitou-se no sofá. Eram cinco horas da manhã quando adormeceu. O Luiz sahio cedo e não voltou para almoçar.

Guilhermina sentio-se outra. Passava a discutir a sua vida com o rapaz, revoltando-se contra elle.

Uma força desconhecida despertava dentro della — era a energia que voltava.

Distrahia-se á janella, á tarde passeava, comia melhor, engordava, remoçava a passos largos.

O Luiz não reparava na transformação. Muito atordoado com a situação

lutando com difficuldades para collocar-se, andando de porta em porta sem nada alcançar, quando chegava á casa estava ex-hausto e cahia como uma pedra na cama.

Já não cuidava da sua pessoa. Antiga-mente era muito caprichoso no vestir. Agora nem lembrava-se de mudar de collarinho.

Vendêra o relógio de ouro e um anel, para viver. Depois, um bello dia, entrou em casa com o Cardoso e negoceou os trastes que tinha, recebendo em troca, com uma pequena somma, uma cama muito ordinaria, uma mesa e duas ou tres cadeiras.

Fez-se cambista de loterias e andava a offerecer sortes aos transeuntés.

Com Guilhermina quasi que não falava.

Uma vez, bebendo, chegando á casa, quiz espancal-a.

A moça gritou, accudio gente e elle quasi foi preso.

A sua derradeira vestimenta já estava muito usada, mas elle não fazia caso.

Dinheiro para as compras não havia, porém o caixeiro de uma venda estabelecida na rua onde moravam e que andava doido pela moça, provia ás necessidades desta, contando com algum favor.

Guilhermina achava insupportavel o seu viver e planejava uma fuga.

Tinha medo do Lulú, que bem sabia do quanto era capaz.

A sua transformação era quasi completa. Não se aborrecendo com as privações do outro, tendo as suas mais urgentes

necessidades satisfeitas pelo caixeiro que lhe abria um credito, ia durante o dia distrahir-se em casa de uma mulata sua visinha. Esta trabalhava por conta do *Maneca da Venda* e Guilhermina sorria-se, mas não promettia cousa alguma, se bem que aceitasse os gracejos.

O Luiz vinha tarde, ás vezes sem ter comido.

Gritava nestas occasiões, ameaçava a rapariga, que affrontava o seu odio, perguntando com que elle queria que ella fizesse jantar, se não havia vintem em casa.

— Por tua causa ainda não me empreguei, bruaca! berrava elle.

— Por minha causa eu sei d'isto; tu és um desmoralisado e vens te queixar de mim.

— Sim, por teu motivo; maldita a hora em que me metti contigo.

— E eu que hei de dizer? Eu nada soffri, não é? Sou venturosa, respeitada; anda, dize!

— Qual! tu nasceste para esta vida.

— Cachorro! . . . foi a sua resposta, e resmungando a moça foi deitar-se.

— Eu vou acabar com tudo isto; ponho-me na rua, vou tratar de mim e tu que te arrumes, berrou elle.

— A mais tempo! gritou ella.

— O que? .

— A mais tempo . . . já disse!

— Ah! E' assim?... Pois havemos de ver.

— Veremos . . .

— E' amanhã já . . . se não saio agora é porque é tarde. Tu pensas? . . . Eu se te largar tu apodreces para ahi, nalgum canto, e eu torno a ser o que fui.

— Pois anda depressa e não percas tempo, respondeu ella, em tom ironico, lá de dentro, tirando a roupa.

Elle foi ao quarto. Ella estava em camisa e os seios appareciam rijos debaixo do linho.

Sentio-se atordoado; o espectáculo daquella carne o conteve.

— Vai, anda. repetio Guilhermina, não dando pela sua emoção.

Estava perturbado, humilhou-sé.

— Não digas isto, querida; tu tens ainda algum amor por mim e estás a fingir. Eu não te deixo, sou incapaz. Vou arrumar minha vida para sermos felizes de novo.

Tentou agarral-a.

— Sahe daqui, não aborreças, disse ella, empurrando-o. Não quero historias contigo; vai-te para longe, eu sou a causa da tua desgraça. Anda, segue, vai!

— Não repitas isto, Guilhermina; eu sou injusto, não tomes a sério o meu desespero.

— Ah! agora tu te arrependes? Pois é tarde.

— Guilhermina!

— Nada, nada; acabou-se.

— Não fales assim; tu me matas.

— A moça deitou-se; elle a quiz seguir no leito.

— Se te deitas aqui, saio para a rua, ameaçou ella.

— Está bem, não me deito, socega.

E com o coração despedaçado, esperou que ella adormecesse para vir, como um cão submisso, cautelosamente, metter-se debaixo das cobertas, a seu lado.

Guilhermina sentio que chegava a sua vez. Ella odiava o Luiz e elle estava vencido, aniquilado, subjugado.

XI

O rapaz estava com medo de ser abandonado pela amante. Começou para elle nova vida de martyrios sem nome. Era maltratado, insultado a proposito de tudo e á mesa sempre tinha que ouvir que a comida que elle tomava era della, que o caixeiro abrira um crédito não a elle, mas sim a ella, e que o pagamento sabia qual seria.

Começou a ter ciumes do caixeiro.

Guilhermina só para o moer chegava á janella e dava os bons dias ao Maneca. Este estava sempre só na taverna, porque o patrão, que tinha duas casas, uma na cidade e aquella ali na Margem, passava o seu tempo na primeira, vindo ali de dois em dois dias, e isto á noite, só para arrecadar as ferias.

De fórma que o Maneca governava a casa á sua vontade e preparava o terreno para ser socio.

As quebras da freguezia é que elle mandava para a Guilhermina, descontando nos rendimentos da casa o cobre para a carne. Aos domingos tinha a delicadeza de comprar meio litro de leite, ovos e assucar extraordinario para a sobremesa.

Era um *rabicho* doido que tinha pela moça. Conhecia as condições do Luiz e esperava o estouro para entrar em campo.

Já estava muito adiantado, mas não precipitava os acontecimentos.

Do seu lado a rapariga dava corda ao caixeiro, consentindo que elle chegasse á fala.

Em todo caso tinha medo, não sabia o que podia acontecer e no fundo guardava um certo respeito pelo Luiz, por muito cahido que elle estivesse. Este sahia pouco e quasi não se demorava na rua. Um dia declarou que ia ter com um antigo protector seu, afim de ver se arranjava alguma cousa. Partio ás dez horas, mas em meio do caminho voltou. Entrando em casa, deu com o Maneca em mangas de camisa, na varanda, conversando com Guilhermina, querendo beijal-a.

Ficou furioso, mas a moça gritou, affrontou-lhe a colera, disse que ella havia de ganhar a vida fosse como fosse, porque não estava disposta a morrer de fome.

O Lulú, muito humilde, pediu-lhe então que ao menos lhe poupasse a tortura de saber disto, porque morria de desgosto.

— Ah! é assim? observou ironicamente a rapariga.

— E', Guilhermina, faze isto, mas sem que eu saiba.

— Obrigada pela lição, mas escusa andar espreitando os meus actos, entrar de repente em casa, como quem quer fazer surpresas.

— Não torno mais a fazer; isto hoje foi sem reflectir. Agora quando eu fôr á cidade deixarei marcada a hora da minha volta.

— E não saes?

— Não.

— Por que?

— Mudei de idéa.

— Sahe, vai onde tinhas de ir, disse ella, pensando no Maneca, que se retirára muito depressa.

— Guilhermina, estou lendo no teu rosto as tuas intenções .

— Começas? . . .

— Não não .

— Então anda e deixa-me andar livremente.

— Vou mas volto logo ao meio dia.

— Que horas são ?

— Não sei

— São onze volta a uma .

— Não .

— O que ?

— Está bem, a uma hora cá estou.

— Então anda.

— Espera um pouco

— Esperar o que?

— Quero vêr uma cousa .

— Que cousa?

— Não é nada, não

— Ora, não aborreças, filho.

E foi empurrando o rapaz, que não resistio.

Este andou alguns passos, fingio quebrar uma esquina, mas voltou, veio espiar.

Vio o Maneca sahir da venda, atravessar a rua, entrar em casa da moça.

Aquillo apertou-lhe o coração e um desespero enorme fel-o chorar covardemente, encostado a uma cerca de *maricá*.

Veio até á porta de casa: fechada; as janellas tambem.

Entrou pelos fundos, veio á porta da cosinha: aberta.

Entrou; tirou as botinas e foi pé por pé á porta da alcova. Poz-se a escutar.

Tremia-lhe o corpo todo, a sua respiração offegante não lhe permittia a principio distinguir cousa alguma. Da rua vinha um ruido de carroças. Um gato, sentado á borda da janella, sobre as patas, á sombra, olhava-o socegradamente. Na cosinha a agua que fervia estravasava, apagando o fogo.

Escutou attentamente. Ouvio então lá dentro que cochichavam. Depois mais ainda, um frio invadio-lhe o coração, pensou que morria.

Estalou um beijo, outro, outro mais, um soluço, um longo suspiro

Teve medo de ser apanhado! . . Fugio na ponta dos pés, foi para a cosinha, calçou as botas, saio e esperou na rua que batesse uma hora.

O instante tão desejado chegou. Passou pela venda e vio o Maneca ao balcão,

muito entretido, embrulhando arroz num papel pardo.

Entrou em casa. Guilhermina, com o rosto muito corado, começava a jantar.

— Demoraste muito, disse ella.

— Guilhermina... murmurou elle, e começou a chorar querendo abraçar a moça.

— Sahe daqui, bobo, disse; deixa de aborrecer-me que não estou para isto. Anda, vem comer se queres, senão esfria.

Elle sentou-se, não disse nada e ficou a olhar para o prato, muito confuso.

— Então, comes ou não? perguntou ella zangada.

— Como, sim, respondeu, e tomou do garfo.

XII

O Maneca conseguira implantar o seu dominio em casa. O Lulú aceitava-o porque não podia ser por menos.

Todos os dias era elle obrigado a sair para o outro vir passar o seu tempo com Guilhermina.

Esta andava contente, era toda cheia de cuidados com o caixeiro e por fim propoz que elle viesse sempre almoçar e jantar ali, não sendo preciso fazer cosinha separada.

O Luiz tentou resistir, mas inutilmente. Não tinha mais voz activa.

Dava graças a Deus por não ser despedido e consentirem na sua permanencia, elle que era um trambolho, que só servia para comer.

Não abria mais a bocca e á mesa só o Maneca e a moça falavam. Elle era tratado de resto, mais ainda — mandavam-n'o á venda no meio da refeição buscar manteiga, vinho ou pão. Ia o pobre diabo e tinha ainda que supportar as chufas do ajudante do Maneca, um pirralho de treze annos, muito esperto, que lhe fazia gatimonhas. Guilhermina, porém, não estava satis-

feita. Queria passar uma noite inteira com o novo amante; este vivia a atormentá-la com os pedidos.

— Como hei de fazer, se este animal não me deixa.

— Põe-no na rua.

— Isto é fácil de dizer; depois o escandalo?

— Sim, tambem é verdade, e o patrão sabendo da cousa póde despedir-me. É' melhor andar com geito, senão elle arma intriga.

No emtanto a moça tentou a cousa. Chamou o Luiz e, dando-lhe dois mil réis, disse-lhe que elle precisava divertir-se, que andava muito magro e triste, que fosse ao circo.

— Não, não quero, respondeu elle.

— Mas quero eu, tornou ella; não desejo que morras por ahi.

— Não é a falta de divertimentos que mata.

— Então o que é?

— E' a tua crueldade... bem sabes.

— Ora.. não falemos nisto; anda lá, vai ao circo, ordeno.

— Guilhermina!

— Nada de discussões, senão zango-me.

— Vou; já que queres, vou.

— Gosto disto; olha que tens ahi dois mil réis, um para a entrada e outro para pagares a cama no hotel.

— Não; venho dormir em casa.

— Não quero; não estou para abrir-te a porta.

- Levo a chave do fundo e entro.
- Não, nada.
- Por que?
- Porque não quero.
- Então não vou.
- Vai sim, já disse.
- Mas...
- Vê lá... Sim?
- Eu sei por que é isto!
- Pois se sabes, melhor.
- Por que me maltratas?
- A moça poz se a cantarolar:
- Guilhermina!
- Não me amoles.
- Escuta!...
- Vais ou não? .
- Eu te digo
- Responde: sim ou não?
- Vou...
- E dormes na cidade?
- Olha.
- Sim ou não?
- Sim...
- Basta, é só o que peço. Toma o dinheiro. O Luiz pegou na nota e meteu-a no bolso.

O desgraçado ainda assim teve consciencia da sua degradação. Aquelle dinheiro vinha do Maneca e não lhe era possivel recusar.

Saio e foi andando a pé, cabisbaixo, muito devagar, indeciso, com impetos de tornar atrás, atirar-se sobre Guilhermina, matal-a, para que o outro a não gozasse mais, e depois acabar numa cadeia.

Mas foi seguindo, impotente, sem energia, humilhado ao ultimo ponto, recebendo até dinheiro que a amante ganhára com outro homem.

Escurecia quando chegou á praça do Portão (General Marques). Tomou pela rua Riachuelo e lembrou-se da Lucinda. Foi á espelunca desabafar a dôr. A mulata o recebeu muito admirada, quasi que o não reconhecendo mais.

Estava muito magro, amarello, com a barba crescida, os olhos muito fundos. A sua roupa suja estava rôta em alguns pontos e as botinas muito cambaias faziam-no pisar mal.

— Que é isto, *seu* Lulú? De onde vem você?

— Deixa-me, Lucinda, sou tão desgraçado

— Que foi isto?

— Aquella mulher! aquella mulher!

— A *Sinhá*?

— Sim.

— Está sempre com ella?

— Sempre.

— Por que não a deixa?

— Não posso.

A preta offereceu-lhe de que comer, e foi buscar vinho na venda. Elle soube que a *Espirra* tinha morrido na vespera e que enterrára-se momentos antes. Soube tambem que a antiga gente que vinha ás troças da noite andava *arisca*, muito afastada da casa,

que os tempos eram bicudos. Conversaram sobre essas infâmias todas. A's 10 da noite foi que separaram-se. O Luiz foi andando pela rua Andrade Neves, passou pela casa onde habitava a Guilhermina, lembrou-se do passado e teve uma illusão de que os tempos idos voltariam. Não quiz ir ao circo. Tomou pela rua dos Andradas e parou á porta do *Mingotão*. Tinha muita gente no salão do *Continental*, todos felizes, rindo e conversando. Lá estava o Affonso, muito gordo, já casado, brincando com um filho de 3 annos, afilhado do Mingotão, creança interessante que cantava o Hymno da Independencia com grande gaudio de todos e orgulho do pai.

O Mingotão, capitalista agora, usando umas longas suissas, ouvia com muita attenção o resumo do discurso do Cartier, pronunciado na Assembléa Provincial.

O Seraphim Rhodes estava a narrar o modo por que prendera um grande fascinora, um ladrão celebre que tinha penetrado em casa do Pinto *Tatibitati* e suspenso todo o cobre que pudéra apanhar. Este, desesperado, tinha-se suicidado.

O Luiz entrou, revivendo na sua phantasia os tempos idos.

A um bilhar jogavam o Ricardo e o capitão Chico. O rapaz começou a acompanhar o jogo. O Chico perdia e estava furioso, dando tacadas em falso, *espirrando*, não dando em bola, errando sempre.

O Ricardo, muito seguro, flauteava o parceiro.

O Lulú, de cuja presença ninguém se apercebera, distraia-se vendo o jogo.

De repente, o Chico, debruçando-se com muito interesse sobre o meio do bilhar, foi dar uma tacada.

Quando puxou o taco deu com elle no amante de Guilhermina, o que fez perder a carambola e arrancar gargalhadas a todos. Furioso, voltou-se para o rapaz e arrumou-lhe dois ponta-pés, atirando-o pela porta a fóra.

— Que é isto? perguntou o Affonso, levantando-se e largando o filho.

— E' este sujo que veio atrapalhar-me o jogo.

O Affonso foi á porta, gritou ainda com o Luiz, que já seguia o seu caminho muito triste, mais uma vez humilhado, certó agora de que para elle o mundo estava acabado e de que não tinha mais para aonde appellar.

Tossindo quasi a arrebentar, foi andando pela rua em busca de uma hospedaria para passar a noite.

Doia-lhe a cabeça e as pernas quasi se recusavam a carregal-o.

Lá em baixo, na praça da Harmonia, bateu á porta de um hotel italiano.

Vieram abrir.

— Quero uma cama.

— Dez tostões, disse um sujeito imundo, esfregando os olhos.

— Aqui tem, respondeu o rapaz.

— Entre, continuou o typo, guardando o dinheiro.

A porta fechou-se e o Luiz foi dormir.

XIII

Lá pela casa de Guilhermina a noite correu bem. Assim que fechou a venda, o Maneca, sobraçando um embrulho de *crak-neis*, preso entre os dedos um papel de manteiga, uma lata de sardinhas na outra mão, veio ceiar com a moça. Achou engraçado aquillo e tanto tinha que conversar que nem se lembrava do Luiz. Foi uma noite agradável. Muito tarde foram para a cama, ella a tremer de frio, escondendo-se debaixo dos lençóes limpos que mudára em attenção ao caixeiro. Depois d'elle tomar lugar a seu lado é que falou-se no outro.

— Olha, nem um beijo eu consinto que elle me dê, dizia ella.

— Duvido... respondeu o outro.

— Palavra de honra!

— Por onde andarás a estas horas?...

— Nem trato disto; quem me dera que elle arreentasse de tossir na rua, com este frio.

Apagaram a luz, chegaram-se mais perto um do outro, mais e mais e... adormeceram.

Mal despontava o dia, o Maneca foi levantando-se; nem despertou a moça, que dormia a somno solto.

Saio de vagar, abriu a porta e encostou-a. Foi bater á venda.

O Luiz já andava pelas immedições rondando a sua morada, e assim que vio o Maneca na rua entrou. Foi ao quarto e deu com Guilhermina adormecida. Teve desejos de abraçal-a e de a estrangular. Foi á cosinha, accendeu o fogo e poz agua a ferver para o café.

Voltou á varanda. Estava irresoluto se devia ou não abrir as janellas. Uma pequena restea de luz deitava uma claridade morna no aposento. Teve receio de, com a luz, interromper o socego da moça. Esperou que ella se levantasse. Voltou para a cosinha. Lavou o sacco de coar o café; procurou o pó, encontrou-o numa lata de manteiga vasia. Foi ver se havia assucar. Em cima da mesa, na varanda, em um prato, havia pouco. Só então deu pelos restos da ceia. Aquillo fez-lhe mal. Ficou pensativo, meditabundo.

Nisto, do quarto a voz da moça que despertava chamou pelo Maneca. O rapaz não respondeu.

— Pensa que é o outro, murmurou.

— O que fazes ahi, meu amor?

Estou preparando o café, respondeu elle, fingindo acreditar que ella dirigia-se a elle.

— Ah! és tu? atalhou de lá a Guilhermina.

— Sou; não me tinhas visto?

— Que horas são?...

— Sete e meia.

— Já? . . .

— Como entraste?

— Pela porta da frente; estava aberta...

— E' verdade, nem me lembrava que a deixei assim, imaginando que teimarias em voltar.

Aquella mentira encheu-o de contentamento, porque parecia-lhe que ella tinha precisão disto. Achou melhor não fazer referencias ao caixeiro.

— Não tiveste medo, tão sósinha?

— Não, disse a moça acabando de vestir-se e entrando na varanda.

O Luiz, que ficára como que pregado á mesa, sem acção, immobilizado pelo ciume, só então lembrou-se de abrir as janellas. Olhou para o rosto da amante e notou que ella tinha os olhos muito vermelhos, cercados de olheiras. No pescoço, bem visivel, o signal de um beijo demorado irritou-lhe os nervos. A idéa da noite que teriam passado juntos excitou a sua sensualidade. Quiz abraçar a moça; esta fugio com o corpo, dizendo:

— Está quieto, homem!

Elle não insistio; foi acabar de fazer o café.

Guilhermina deu-lhe parte que ia sahir, precisava fazer umas compras urgentes.

— Vou contigo, queres?

— Não; prefiro ir só.

— Por que?

— Estás muito sujo.

Elle olhou para a sua vestimenta e comprehendeu que a moça tinha vergonha de exhibir-se a seu lado. Mas era uma crueldade da sua parte usar de expressões tão positivas.

Conformou-se ainda assim e nada respondeu.

Tomaram café; Guilhermina saíu para ir á casa da vizinha buscar uma saia que mandára lavar e engommar.

Demorou-se conversando com a mulata. Contou-lhe que o Maneca tinha dormido lá e que o Luiz passára a noite na cidade.

— E o moço do cavallo? perguntou a Mafalda.

— Que moço?

— Aquelle que passa por aqui todas as tardes...

— O de barba cerrada?

— Sim...

— Então aquillo é moço?

— Pois então? Não é uma creança, mas tambem não é nenhum peixe podre e dinheiro ali anda a dar com páo.

— E que tenho eu com isto? se elle é rico, que coma duas vezes por dia.

— Não diga isto, sinhá; você não despreze estas cousas.

— Ora... não me importa.

— Eu sei que elle é capaz de muito, tanto que só para saber de uma cousinha deu-me cinco mil réis.

— Melhor para ti.

— Pense no dia de amanhã.

A Guilhermina saíu, levando a saia, e foi vestir-se para ir á cidade.

A's 11 horas foi esperar o bond na ponte do Riachuelo, enquanto que o Luiz, seguindo a pé, fazia tenção de a acompanhar de longe para ver onde ella ia.

Andou pelas lojas da rua dos Andradas, comprou lenços e um vestido, gastando uns vinte mil réis que pedira ao Maneca.

No Felizardo vio o tal homem do cavallo que conversava com o Joaquim, o dono da casa, lançando-lhe uns olhares muito ardentes, sem que o negociante dêsse pela cousa.

Guilhermina interessou-se por elle, agora que sabia que aquelles passeios não eram estranhos á sua pessoa.

Correspondeu duas vezes aos olhares do outro e sorriu-se mesmo, fingindo que era com o caixeiro, que elogiava a fazenda que offercia.

Nisto o Luiz chegou á porta. Tinha arranjado com o Chiaboto um bilhete a credito para vender, afim de ganhar uns dez tostões. Offereceu-o ao sujeito barbado. Este, conhecendo as relações de Guilhermina com o cambista, quiz ser gentil e tomou o numero offercido, dando uma nota de dez para pagar oito mil réis.

— Fique com o troco, disse com despreendimento.

Aquillo agradou á moça. Se bem que ella não ligasse a minima importancia ao

Luiz, não deixou de agradecer no seu intimo a bondade que lhe era dispensada.

Quiz saber quem era o seu apaixonado cavalheiro.

Um empregado do Felizardo disse que era o commendador Pimenta; commanditario da firma Alvares, Cruz & C., velho solteirão, attingindo os cincoenta, mas forte e rijo como qualquer moço.

Tinha uma fortuna consideravel e era muito respeitado na praça.

Guilhermina ficou satisfeita com a informação. Despedio-se e continuou o seu passeio. Na esquina deu com o Luiz parado, como se a esperasse.

Fez-lhe cara feia a moça e passou sem dizer palavra.

A's tres horas tomou o bond; sentio fome. Chegando á casa, a comida estava fria; a Mafalda, que a preparava por conta do Maneca, tinha deixado um resto na pannela. O Lulú tambem chegou com o estomago a dar horas. Foi aquentar a comida, enquanto a moça despia-se. O Maneca veio saber onde ella fôra e por que não estivera a tempo, á hora do jantar.

— Tive tanto que andar .. disse a Guilhermina.

O rapaz não demorou-se, tornando para a venda a despachar a freguezia.

— Ganhei tres mil réis com o commendador Pimenta, disse o Luiz.

— E o que fizeste com o dinheiro?

— Comprei uma cousa para ti.

— O que foi? perguntou a moça.

— Olha... respondeu elle, tirando um embrulho do bolso.

Era um frasco de perfume Lubin. A moça destapou-o, levou-o ao nariz e fez uma cara contrariada.

— Não presta, observou.

— Pois comprei-o como legitimo.

— Quanto custou?

— Dois e quinhentos....

— Não vale dez tostões.

Depois de tomada a refeição, um pouco de sopa de massa, carne assada, arroz e legumes ensopados, Guilhermina foi para o quarto descansar um pouco.

Ouvindo dar cinco horas saltou da cama apressada, vestio-se de novo, arranjou os cabellos e foi para a janella. Era tempo: o commendador Pimenta passava no passo vagaroso do cavallo. Fez-lhe um acceno com a cabeça, bem dissimulado, ao qual ella correspondeu, com discrição. Não convinha que o Maneca dêsse pela cousa.

Ficou ainda á espera, porque sabia que o commendador voltava. Tres quartos de hora depois com effeito elle tornou por ali e dirigio-lhe o mesmo cumprimento.

No dia seguinte á mesma hora repetio-se a scena e assim nas tardes consecutivas.

Felizmente o Maneca não percebêra cousa alguma, mesmo porque áquella hora a freguezia era maior.

O Pimenta já adiantava-se um pouco, chegando mesmo uma vez a parar o cavallo e perguntar pelo Luiz, que elle bem sabia não estar em casa, pois o vira no caminho.

— A senhora diga-lhe que eu vim saber se correu aquella loteria de Montevideo... elle sabe qual é... vendeu-me um bilhete.

— Sim, senhor, respondeu a moça.

O cavalleiro tocou o animal e continuou.

A Mafalda, da porta da casa, acompanhava com interesse. Foi ao encalço do commendador, que a esperava na ponte, e falou-lhe.

— Você não se arrependerá, garantio o homem. Sabe que sou sério e que costume cumprir a minha palavra.

— Não tenha duvidas commigo; eu arranjo tudo.

— Pois vamos a ver.

— Eu mando dizer lá; mas acho bom que deixe de passar por aqui, a cavallo. Dá muito na vista e podemos ter historias.

— Está bem; sigo o seu conselho.

A Mafalda voltou para casa ruminando um plano, sonhando com gorgetas e disposta a tudo empenhar para atirar a moça nos braços do Pimenta.

— Ha de ser facil, dizia comsigo a mulata, e arranjo-me.

XIV

O commendador Pimenta era um solteirão, como dissera o caixeiro do Felizardo.

Herdeiro de um nome respeitavel, recebera por morte da mãe uma fortunazinha de oitenta contos, que elle teve a habilitade de duplicar no commercio. Bem moço ainda resolvera descançar, pondo em commandita, na firma, cem contos, indo viver em uma bella habitação na rua do Era dono de dois predios, tinha algumas apolices, acções da Fluvial, da Hydraulica e da Companhia de Seguros Porto Alegrense.

Depois que o commendador ter Brüngen deixou o banco, o Pimenta perdeu a confiança no estabelecimento, vendeu as acções que tinha, retirou o seu capital e empregou tudo em outros titulos.

Levava uma vida muito methodica. Tivera em toda a vida um só espricho — ser commendador. Para alcançar este *desideratum* abriu os cordões da bolça e cahio com dois contos para o Asylo do padre Cacique. Era contrario ao casamento, desde que, noivo de uma moça a quem votára um amor bem sério, fôra surprehen-

dido com a notícia de que ella ainda correspondia-se com um tal Lopes, um trocatis que fizera umas quantas investidas para casar-se com a menina.

— Nada, nada, dizia o Pimenta; se agora são cartinhas, depois de casado o que não será de mim?

E poz de lado a noiva, que um bello dia bateu a aza com o Lopes, incumbindo-se a policia do *conjungo* complementar.

Mas ainda assim o Pimenta, inimigo como era da vida matrimonial, nem por isso levava o seu odio a ponto de não ter condescendencias com as mulheres.

O que elle não queria era responsabilidades. No mais perseguia as *cousinhas novas*, pondo em actividade um batalhão de alcoviteiros quando deitava o olho a alguma.

Ora, a Guilhermina dera-lhe no gôto. Lembrava-se ainda do seu escandaloso rapto de uns quatro annos passados.

Vira-a muitas vezes e andava com a idéa de entrar em relações com a moça, leval-a mesmo para casa e interessar-se pelo seu futuro.

Para isto travára relações com a Mafalda, informára-se do viver dos amantes, vindo a saber que as cousas, como elle imaginava, não corriam bem lá por casa.

A questão, pois, era ter uma entrevista com Guilhermina, falar-lhe francamente, propor-lhe uma vida tranquilla e mesmo abastada.

O principal para alcançar isto era a

sympathia da moça, de que já se julgava seguro, resultado dos passeios, saudações e da compra do tal bilhete de loteria.

O tão desejado momento chegou por fim. A mulata veio uma tarde prevenir-lhe que no dia seguinte, ás duas da tarde, a moça estaria em casa della e que elle lá apparecesse, fingindo, porém, ao entrar que não esperava por esse encontro.

— E não ha nada a temer?

— Vá... já lhe disse, insistio a alcoviteira; arrumei tudo.

— Pois conte commigo.

— E conto mesmo.

Guilhermina, com effeito, no dia seguinte a uma hora foi passar o tempo em casa da vizinha. Esta a havia prevenido da visita do Pimenta e aconselhára a moça de conversar com elle; que nisto não havia mal algum e que dali só poderia resultar bem para ella.

Tambem a moça não se fez de rogada e quando o commendador entrou ella o recebeu com toda a familiaridade, o que satisfez o homem.

A Mafalda poz-se ao fresco discretamente para elles entenderem-se melhor.

Nem houve precisão de delongas, entrando o Pimenta em materia.

Disse que muito desejava aquelle encontro; que conhecia Guilhermina de ha muito e que affeioára-se a ella. Era seu intento tiral-a daquella vida tão miseravel, fazel-a feliz como merecia. Elle vivia só,

não era creança, mas também não caía de velho. Saberá tornar o seu viver alegre, pondo-a a coberto de qualquer necessidade, e que procedendo bem talvez ella ainda resgatasse o seu passado leviano.

Guilhermina escutou attentamente o que o outro dizia, reconhecendo que achava muito natural semelhante proposta, admirada da facilidade com que se convencia das vantagens propostas.

Achou correcto fazer alguma objecção.

— E o Luiz? disse ella.

— A senhora tem-lhe affeição?

— Na verdade não tenho, mas o costume . . . e se elle der escandalo, perseguir-me?

— Elle que tente, coitado. A sua situação não é das que permitem audacias.

— Mas sempre preciso de tempo para reflectir. Antes disto nada resolvo.

— Não; nem eu quero fazer as cousas de afogadilho. Não estamos com o pai na forca, acrescentou sorrindo-se.

Depois tornou-se amoroso, começou a fazer promessas, a querer dar beijos, abraçar a moça.

Ella ria-se, empurrava o Pimenta, dizia que era cedo ainda, que fosse paciente.

— Olhe que isto já é uma promessa!

— Pois vá lá, respondeu ella; é uma promessa.

Neste momento a Mafalda entrava e pelo aspecto de ambos vio desde logo que se haviam entendido.

— Gosto disto, disse; já é ter juizo e deixar-se de namoricos que não dão resultado.

— Mas fazia-se tarde e não convinha prolongar aquella visita.

O commendador despedio-se, insistindo com a mulata para resolver a moça.

— Não ha de ser difficil, gritou a Mafalda.

Guilhermina foi para a casa.

Deu pouca importancia ao Maneca, que lá estava á porta da venda e que veio falar-lhe.

Achou-o estúpido, em mangas de camisa, com as suas larguezas de bodegueiro, mandando os mantimentos.

Quanto ao Luiz nem lhe mereceu resposta quando perguntou-lhe onde estivera.

Notou que sua habitação era muito pobre, suja e vasia.

Aborreceu-se com aquillo e estava quasi a tornar á morada de Mafalda para dizer-lhe que fosse prevenir o Pimenta de que podia contar com ella desde já.

Deixou para o dia seguinte.

Passou agitada a noite, sonhando com uma vida nova, socegada, com seus caprichos satisfeitos, vestindo bem, indo a theatros e podendo passeiar de carro, o que era o seu encanto.

O Luiz andava com suspeitas de que alguma novidade pairava nos ares. Sentio que a moça pensava em deixar a casa e nesta preocupação sinistra levou a noite

inteira acordado, machinando um plano para descobrir o que havia.

A idéa de associar o Maneca, a quem não odiava, se bem que fosse amante de Guilhermina, occorreu-lhe muitas vezes. O outro dispunha de alguns recursos e poderia obstar que ella fugisse com algum figurão.

Iria contar-lhe as suas duvidas e ambos se poriam em campo, e uma vez sabida a cousa, era tomar as providencias.

Elle nem por sonhos lembrava-se do Pimenta, voltando-se antes para um rapaz de bigodes torcidos, de *pince-nez*, que vira uma vez encarar com insistencia para a moça.

Mas achou melhor não contar nada ao Maneca, ao menos por enquanto.

Sempre seria tempo.

— Aquillo é cousa da Mafalda, dizia elle. Bem sei, porque nunca pude gostar daquella bruaca. Já foi ella quem aqui metteu o caixeiro e agora é ella de novo que anda dando voltas ao miolo da rapariga.

O que é certo é que resolveu fazer uma espionagem muito severa.

O que seria delle se ella o abandonasse.

— Morro! morro! pensou.

XV

Dois dias depois da primeira suspeita, passados na mais cruel incerteza, affligido constantemente com supposições de toda a natureza, esgotados em vão os meios de que se servira para alcançar o seu objectivo, o Luiz entrando em casa deu por falta de Guilhermina.

A principio acreditou que ella fôra á habitação da Mafalda.

Ficou, porém, inquieto, pois não era com bons olhos que via aquella intimidade.

Resolvido a esperar, foi para o quarto de dormir, deitou-se na cama de Guilhermina, cansado como estava, abatido pelo mal interior, a tísica, que o devorava aos poucos.

Adormeceu profundamente, acordando tarde, assustado, pois vio que era noite. Tentou calcular a hora. Deitára-se ás quatro e não era possível que dormisse muito.

Ergueu-se, foi á rua para certificar-se. Todas as casas estavam fechadas, a venda tambem.

— Como? pensou elle. Serão mais de dez? E Guilhermina?

Um presentimento horrível gelou-lhe o coração.

Tornou á casa, gritou no meio da escuridão, chamou pela amante, mas não teve resposta. Começou a sentir um terror pânico. A solidão o espantava. Fugio para a rua e ficou indeciso. Depois começou a andar, muito agitado, nervoso, voltando-se de vez em quando, como se ouvisse passos de alguém que o seguisse.

Lembrou-se que bem podia ser que o Maneca a tivesse levado para o seu quarto, na venda. Esta esperança deu-lhe novo alento.

— Valha-me isto ao menos, murmurou.

Mas repellio esta idéa. Era absurda, não podia ser; no aposento do caixeiro dormia o ajudante com elle.

Tambem imaginou que ella poderia ter ido ao circo.

— Ha de estar lá, não tem duvida! disse e apertou o passo para ir esperal-a á sahida.

Chegou á cidade offegante. Nas ruas não encontrou viva alma.

Quando subia as escadas da praça do Portão ouviu bater no sino da matriz as duas da manhã.

— Meu Deus! exclamou horrorisado.

Quiz voltar á casa, mas teve medo. Fugia dali como de um lugar maldito, povoado de espectros.

— Estou muito doente, vou morrer, pensou.

Sentou-se num banco, resolvido a esperar o dia.

A febre que o devorava fel-o cahir num estado de pasmaceira. Todos os seus membros doíam, mas aos poucos a consciencia da realidade foi desapparecendo para elle.

Pela madrugada, os frouxos clarões da aurora, entrevistos pelos seus olhos febris, deram-lhe novo alento.

Lembrou-se da noite, dos seus horrores, da Guilhermina, do seu desapparecimento.

Ergueu-se e foi andando para casa. Os pés quasi recusavam-se a carregar-o e a muito custo alcançou a porta da sua morada.

Estava aberta, o que presagiava mal. Um secreto pavor fel-o estacar. Por fim tomou uma resolução e penetrou nos aposentos vasios. Ouvio ruído no quarto de Guilhermina, teve uma esperança. Era um gato que saltava da cama abandonada onde fôra dormir, na ausencia dos donos.

Guilhermina não voltára. Veio á janella da frente. O Maneca abriu a venda. Luiz resolveu falar-lhe. O caixeiro ficou espantado com a noticia. Achára estranho não ter visto a moça desde o meio dia, mas imaginára que ella fôra á cidade passeiar.

— Vou informar-me com a Mafalda.

E lá seguio o desgraçado.

A parda acabava de sair da cama e fazia fogo. A visita matinal do Lulú não a surprehendeu.

— O que o traz por aqui? perguntou com indiferença.

— Não sabe da Guilhermina?

— A d. Guilhermina?...

— Sim...

A mulata pensou um instante, abaixou-se, soprou a lenha e depois, com certo embaraço, disse:

— Homem... eu creio que ella já vai longe e que o senhor perde o seu tempo...

— O que me dizes, mulher! exclamou petrificado o Luiz.

— E' verdade, tornou a outra.

— Pelo amor de Deus, Mafalda, não me mates; o que é que sabes?

A mulher, um pouco contrariada com a entaladela, mesmo compadecida do pobre rapaz, tentou consolal-o.

— Deixe-se de pensar naquella moça; ella... não o affirmo. mas penso que foi viver com outro. Embarcou em um carro, hontem, e não disse-me para onde ia.

— O que é que devo fazer agora, Mafalda?

— Eu não sei..

O rapaz ficou muito pallido, tremulo, chorou, desesperou-se e saíu.

Foi á casa; entrou de novo no aposento, deitou-se e deu vasão ao seu desespero.

O cheiro da amante que os lençóes, o travesseiro, as cobertas desprendiam, concorria para aggravar aquella angustia dolorosa.

— Nem Christo soffreu tanto, murmurava.

Ficou longo tempo estendido na cama, num estado semelhante ao da estupidez, com os olhos muito pasmados, fitos no tecto, incapaz de reagir contra a dôr que o avassalava.

Uma saudade dos tempos idos revivia todo o seu passado e a Guilhermina, moça, virgem, cheia de vida, formosa, seductora, deslisava através do seu espirito doentio.

Comprehendia agora que andára por um caminho falso, que jogára fevianamente o seu futuro; arrendia-se de não ter casado com aquella mulher que elle prostituira insensatamente, arrastando-a pura e immaculada para a espelunca, não se detendo diante da infamia que praticava, não cedendo ás supplicas da infeliz, horrorisada com o seu acto.

Ah! pudesse elle resgatar a sua falta, ainda que devesse descer abaixo do alcouce da Lucinda e ir apanhar a amante degradada, consumida, farta dos beijos de todos os miseraveis, nivelada com a *Espirra*, com a *Mingáo!*...

Sim, dentro do seu coração ella renascia ideal, como no tempo em que a vida do lar a cercava dos carinhos maternas, dos conselhos e exemplos de virtude que a viuva do Soares lhe dava a todo o momento.

Oh! se ella o quizesse por esposo, se aceitasse esta satisfação tardia, a prova do seu remorso! Mas... não, não. elle não era mais elle porque sentia-se cahido,

sem nome, sem posição, deshonrado, aviltado, desprezado e mais que tudo, moribundo, com o frio da sepultura a subir-lhe pelos pés.

E ella? .. Ella já não era a mesma, já o não amava. O seu affecto, elle bem o sentia, transformára-se em odio, em nojo, não tendo por elle nem sequer a compaixão que a sua desventura devia despertar nas almas piedosas. Chorou muito, muito, lagrimas de egoista ainda, apesar de rebaixado, porque elle compadecia-se de sua propria sorte, espelhando-se, na sua imaginação, esmulambado.

Vio que a morte o apanharia isolado no meio dos vivos, sem que mão amiga lhe cêrrasse os olhos, sem que ouvidos caridosos recebessem o seu derradeiro queixume.

O que era elle? A carcassa vil do passado, despida das grandezas de outr'ora, escaveirado, horrivel!

Fez um esforço, tentou levantar-se, não pôde; tentou de novo e desta vez poz-se de pé.

Saio e foi andando. A sua tosse, constante, secca, echoava sinistra pela rua.

Os transeuntes voltavam-se, enojados, quando passava aquelle ente tão asqueroso, tão sujo.

— Hum... este não vai longe, murmurou uma quitandeira que o vio e continuou o seu caminho, apregoando com voz esganiçada:

— Laranja doce, freguez! ..

XVI

Tinha envelhecido o rapaz em poucos dias. O seu aspecto era medonho. Parecia incrível que elle vivesse ainda.

Dois mezes tinham decorrido desde que a moça o abandonára e todo esse tempo elle vivêra obsecado pela idéa de a tornar a ver. Sabia que o Pimenta era o seu amante e andava rondando a casa, mas inutilmente. Guilhermina tornára-se invisível.

A's vezes quando elle chegava-se de mais para a habitação do commendador, um criado, de sentinella para as suas investidas, o vinha afugentar, ameaçando-o com pancada.

Cabisbaixo, então retirava-se, conformado com a sorte, vencido da vida, sem protesto.

O Pimenta sabia do seu estado e mandava-lhe secretamente esmolas, convencido porém de que os dias do rapaz estavam contados, esperando a sua morte para dar mais ampla liberdade á moça.

Evitava cautelosamente um escandalo, temendo que num momento de desespero

elle lhe entrasse em casa e fosse fazer alguma cousa á mulher.

Guilhermina tambem tinha os seus receios e por isso informava-se dos seus passos, do seu estado, anciando pelo desfecho da molestia, que era fatal, questão de dias.

Julho chegára com os seus frios, com as suas chuvas.

Era o inverno, a época perigosa, e sem duvida o mal aggravar-se-ia e a natureza seria impotente para resistir por mais tempo.

A vida para ella corria como um encanto.

O Pimenta fôra de uma solitudine sem nome.

Provêra á tudo, cercando a sua adorada de um luxo commodo, de certa grandeza mesmo, o que fazia-lhe medir o gráo de miseria em que vivêra outr'ora.

Era feliz. A sua indole comprazia-se naquella existencia tão serena, tão doce.

A' noite, depois de vigiados as circumvisinhanças para certificarem-se de que aquella alma penada não andava por ali, o Pimenta saía de carro com a moça e davam umas voltas pelo arrabalde.

A's dez horas voltavam e iam fazer musica, tomavam chá e deitavam-se como bons burguezes que não têm culpa na consciencia.

Para o dia dos seus annos o Pimenta preparava uma festa intima, cousa séria,

entre amigos, disposto a alegrar o meio em que viviam e distrahir a moça.

Era a 22 de Julho e as vespervas foram consumidas com preparativos, encommendas, arrumações.

A musica dos italianos viria tocar para alegrar a brincadeira e Guilhermina, muito agitada, gozava com antecendencia da festa por que anciava.

Fazia 26 annos e agora que julgava-se em principio de sua reabilitação queria logo pela manhã ir ao cemiterio levar uma coroa de flores naturaes, feita por ella, ao tumulo do pai.

Encommendou as flores e á noite passou-a preparando a grinalda, chorando muito, pedindo perdão ao pai por se haver desviado do caminho da honra, jurando que agora tudo faria para do céo receber a sua benção.

Pela manhã o Pimenta abraçou-a, deu-lhe muitos beijos, entregou-lhe uma infinidade de presentes, joias e objectos de phantasia.

A's nove horas veio o carro. Fez questão de ir só, pois nada receiava, que seu pai a protegeria.

Vestio-se modestamente; um trajeseinho de luto; poz o chapéo, segurou a grinalda e mandou tocar para a morada dos mortos.

Fazia um frio de cortar as carnes. Durante a noite cahira muita geada e um vento

fresco varria a varzea com suas lufadas constantes.

Guilhermina ia absorta, não olhando para os lados, como se tivesse os olhos fixos em alguma cousa que a imaginação creava.

Ao passar a ponte em caminho do cemiterio, não vio o Luiz, encostado ao para-peito, muito bebado.

Mas a este não passou despercebida a moça. Reconheceu-a e teve bastante consciencia para comprehender onde ella ia. Seguiu o carro machinando um plano tenebroso.

— Mato-a no cemiterio e morro com ella; estrangulo-a, sim, que sinto forças para tanto.

Mal podia andar o desgraçado e quando chegou ao portão, depois de subir a lomba barrenta, escorregando a todo instante, parecia que ia tombar asphyxiado.

Respirou e a passo lento enveredou pelo corredor dos tumulos. O carro, postado á porta, esperava a moça.

Guiado pelo instincto, o Luiz tomou a direcção do tumulo de Soares.

Guilhermina, ajoelhada a fazer oração, vio-o de longe avisinhar-se, e antes que os olhos d'elle a encontrassem, esgueirou-se e foi recuando agachada, por detrás dos mausóléos, para evitar o encontro.

Tinha medo e nas proximidades não havia quem a soccorresse.

Mas um genio bom a protegia. Cautelosamente, evitando ser vista, alcançou o

portão, metteu-se no carro e mandou tocar a toda pressa.

O Luiz no entanto chegava junto da sepultura do Soares e vio a corôa. Percorreu com os olhos em tornô de si e não deu com a moça.

Procurou-a, examinou varios pontos, blasphemando, insultando os mortos, que não respondiam, fechados nas campas, mudos, immoveis.

Comprehendeu que ella saíra e teve uma idéa hedionda — insultar o Soares no seu eterno somno!

Tornou para junto da tumba, bambo das pernas, desfigurado pela embriaguez e pela ethica. Tossia como um desesperado sobre as sepulturas, raivoso, revoltado contra os vivos e contra os mortos.

A corôa que a filha, num sentimento de piedade, viera depôr sobre o tumulo do pai, lá estava.

O Luiz abaixou-se; agarrou as flores e esfrangalhou-as num impeto nervoso, mordendo as rosas, despedaçando tudo, a berrear como um doido, com a sua voz rouca de creatura sem pulmões.

— Anda, anda, canalha; olha o que faço com a grinalda que ella te trouxe.

De repente teve uma vertigem, cambaleou, caíu e bateu com a fronte num angulo da pedra sepulchral, abrindo uma brecha de onde o sangue correu, num filete, pelo rosto emmagrecido, coberto de uma barba hirsuta.

A ferida dissipou a embriaguez, e elle muito impressionado, cheio de horror, vio naquella queda uma vingança do morto.

Levantou-se e foi, quasi arrastando-se por entre os sepulchros, tomar a saída.

XVII

Noite de inverno, fria, chuvosa e melancolica. O vento sul soprava rigido, açoutando o aguaceiro. Todo o mundo procurava o calor do lar e só os que tinham que fazer na rua, criadas de servir, operarios, raros, é certo, passavam apressados, envolvidos nos seus capotes, com as golas levantadas, apertando os chales de encontro aos corpos resfriados.

Já as dez iam longe e bem poucas eram as vidraças descidas, através das quaes brilhava uma luz.

Dir-se-ia que a natureza narcotisava, tal era a vontade de dormir que aquella noite dava a todos.

Em casa do Pimenta, porém, divertiam-se.

O salão, profusamente illuminado, projectava a sua luz por entre os vidros sobre a rua quasi abandonada.

Viam-se sombras que iam e vinham para todos os lados. Um ruido de vozes alegres, de gargalhadas, chegava aos ouvidos dos raros transeuntes.

Festejava-se em casa do commendador o anniversario de Guilhermina.

Tinha havido um jantar opiparo, ao qual bebera-se muito.

Os convidados eram poucos; meia duzia de homens e duas mulheres, raparigas sociegadas que viviam com amigos do Pimenta.

Não gostava de troças o amante de Guilhermina, mas dava o cavaquinho por um jantar daquelles, de portas a dentro, discreto, com duas ou tres mulheres, rindo e brincando.

Não ia nisto mal algum desde que fossem guardadas as conveniencias, respeitada a susceptibilidade dos visinhos.

A orchestra dos italianos lá estava, amenisando a refeição com as suas valsas, ouverturas e tudo mais, tocando com sentimento e arte.

O Pimenta era doido por musica e para elle festa sem este complemento não tinha graça alguma.

A Guilhermina estivera um pouco triste durante o dia, por causa do incidente do cemiterio que tivera o cuidado de não contar ao amante.

Dissipou-se, porém, a nuvem que sombreára a sua alegria logo que chegaram os primeiros convivas e durante o jantar deu mostras de uma satisfação ruidosa, cheia de gritos, palmas e bravos.

Muita gargalhada lhe arrancára o Cezar com as suas anedoctas mais ou menos picantes, com os *calembourgs* que fazia a proposito de tudo.

Com a Corumbica, formosa morena

que abandonára a vida de casada para viver em companhia do Alipio, a quem parecia amar, combinava passeios, estabelecendo-se desde logo, entre ambas, que eram da mesma idade, uma sem cerimonia absoluta, tratando-se por tu, como se fossem velhas amigas.

Ao *champagne* o Cezar fez um brinde que foi muito applaudido. Depois de dizer uns quantos paradoxos sobre o casamento, concluiu affirmando que quando duas creaturas se comprehendem, amam-se e são felizes, pouco importa o passado, cumprindo-lhes que satisfaçam a formalidade que ordena que um padre abençõe a união, e que por isto estava bem certo de um dia poder beber á saude de Guilhermina — já Mme. Pimenta.

Bravos entusiastas cobriram as palavras do orador, enquanto que o commendador, muito enfiado, sorria-se na sua barba, dizendo:

— Vá lá, vá lá.

A moça ficou corada com a saudação, mas no intimo de sua alma não duvidava daquillo por que já secretamente anciava.

Depois do jantar foram para o salão. Guilhermina providenciou para que servissem lá o café, os licores e os charutos.

Os musicos foram comer para depois continuarem com o concerto.

A Corumbica tocou ao piano uma phantasia do *Baile de mascarar*, ouvida com

atenção, sendo festejada no final pelos assistentes que louvaram a execução.

Na rua continuava a chuva e já não se via pessoa alguma. Os cães vadios sem domicilio colavam-se com as portas em busca de um refugio, encolhidos, de orelhas baixas, com as caudas entre as pernas, tiritantes.

No entanto um vulto humano, afrontando o tempo, insensível ao frio, indifferente á chuva, ao vento, veio vagarosamente postar-se do outro lado, na calçada fronteira á habitação do commendador.

Era o Luiz, aquecido pela febre, devorado interiormente pelas rajadas de um vento mais impetuoso do que o que soprava a chuva — o ciúme — paixão que tumultuava dentro do seu peito, mais horrível do que o despenhar do furacão, hedionda, pavorosa.

Uma angústia sem nome o opprimia. Os seus olhos erravam sem cessar das janelas illuminadas para a rua escura e solitaria.

Lá em cima a mulher amada que não mais lhe pertencia; cá em baixo a solidão poyuada pelos phantasmas que os espiritos doentes veem no silencio da noite.

E a tosse, constante, secca, rachava-lhe o peito oco, vasio, sem pulmões, devorados pela tísica, assobiando como um foles esburacado.

Estava irresoluto. Tinha impetos de subir áquella casa, penetrar no salão, sujo

e maltrapilho como estava, agarrar Guilhermina pelos cabellos e depois arrastal-a numa carreira vertiginosa para o tumulto aberto que elle bem sabia que o esperava.

Como era horrivel morrer sem ella!

Que allivio para o seu ultimo momento se elle a soubesse presa dos vermes do sepulchro quando o derradeiro suspiro se escapasse dos seus labios naquella agonia tão lenta e tão dolorosa.

Mas não bem longe disto, elle a via feliz, rindo e brincando no meio do luxo, amante de um homem rico, festejando o seu anniversario, emquanto que elle, corrido por todos, enxotado, tinha por leito mortuario as calçadas da rua encharcadas e lá de cima nem uma estrella a brilhar no céu carrancudo, fechado e sinistro.

Quiz rever o passado, nem esta consolação teve. As suas idéas embaralhavam-se, via-se preso áquelle espectáculo supplicante, a que não podia fugir.

Ouvio musica em cima. Era a *sonata* de Schubert, plangente como um adeus para sempre, que chegava abafada aos seus ouvidos — uma esperança ultima partida nos queixumes brandos da melodia allemã.

A propria morte zombava do seu infortunio, aproximando-se delle vagarosa, com a sua encenação sombria.

Fez um esforço e atravessou a rua. Parecia-lhe que os seus pés estavam presos ao solo. Levantou-os com difficuldade, che-

gou até á porta do corredor, quiz entrar, mas não pôde.

La cair, segurou-se ao portal e assim esteve dois segundos, arquejante, sentindo a morte que subia-lhe ao coração.

— Mais um instante, pensou, e está tudo acabado.

Teve uma vertigem, cambaleou, rodou sobre as pernas e foi cair estendido, de bruços, a um metro dali.

Teve ainda consciencia da realidade. Tentou reerguer-se, apoiando-se sobre os braços, levantou os olhos para o salão, ouviu um ruido confuso da musica, abriu a bocca, gritou com voz fraca pela moça.

— Guilhermina! disse uma vez. Guil... tentou dizer ainda.

Uma golfada de sangue suffocou-o, os seus braços cederam, o corpo caio e a chuva apertou.

Estava morto.

... ..

No salão dispunham-se a saír. Eram duas horas da manhã já passadas.

O commendador abraçava os convivas com effusão e estes agradeciam a gentileza do trato.

A chuva fizera uma estiada. Era conveniente aproveitar a occasião.

Desceram as escadas seguidos do Pimenta e de Guilhermina, que os acompanharam até á porta.

A moça vio aquelle vulto estendido na

rua. Nem um presentimento agitou-lhe a placidez do coração.

O seu espirito estava alegre.

— Chuva no céu e chuva na terra, disse por brincadeira ao despedir a sua gente, apontando o Lulú morto, no meio da calçada.

Todos riram.

Depois em casa do commendador fecharam com ruido a porta e lá ficou o cadaver do Luiz, abandonado, que por unica oração funebre tivera uma ironia da bocca da mulher que tanto amára!

F I M

O LIVRO «A VERGONHA»

O *Correio do Povo* recebeu esta carta :

«*Illmo. sr. director do «Correio do Povo»* — Muito e muito me obrigará v. s., si quizer ter a bondade de publicar as linhas abaixo, explicação que urge ser dada.

Bastariam aos srs. Souza & Bãrros, que eu não conheço, proprietarios da *Livraria do Commercio*, que eu tambem não conheço, duas palavras, corrigindo o engano de reportagem, quando esta affirmou que o livro *A Vergonha* seria impresso em sua casa de commercio. Mas, s.s. s.s., mordidos não sei porque mosca, sal aram abespinhados.

Procedo como entendo e não será aos srs. acima a quem vá pedir conselhos, nem perguntar o caminho a seguir.

Demais. para entrar á *Livraria do Commercio*, que me é de todo em todo desconhecida, teria que entrar em muitas outras.

A primeira a que se dirigiu o meu amigo Vieira Braga, que me havia convidado para colaborar em seu livro, aceitou de prompto a obra, e essa foi a conceituada *Livraria Central*, ha pouco fundada e que já se impoz ao crédito geral.

Os seus proprietarios são moços dignos e aceitaram, porque, além do mais, comprehenderam as intenções de Vieira Braga, que traduzem fielmente o sentimento da população.

O dr. Germano Hasslöcher desenvolveu, no seu romancete — *A espelunca*, profligando-o, um factó escandaloso, desenrolado nesta capital, e os srs. livreiros não tiveram escrupulo em imprimir dita obra, com o applauso publico ; com os srs. rs. Souza Lobo e Mario Totta e o saudoso Paulino d'Azurenha, na publicação da *Estrychinina*, deuse a mesma coisa.

E por que razão não poderemos nós profligar um factó de egual ordem, copiando-o dos

jornaes e das peças do processo, quando a imprensa o faz e todos o fazem ? Ora essa !

De resto, nunca se fallou (nem de tal se cogitou), com a *Livraria do Commercio*, que é muito possível não accitasse.

Ninguem mais que nós e os dignos proprietarios da *Livraria Central* lamentam a desgraça dessa infeliz creança e sabe comprehender a dôr dessa digna familia, ferida tão cruelmente.

Os srs. Souza & Barros poderiam externar qualquer juizo sobre nós, lida que fosse a obra ; mas não na ler, não saber dos nossos intuitos escrevendo-a, e pretender aggre-dir, é precipitação.

Ao meu collega Vieira Braga agradeço o convite que me fez para collaborar, no empreendimento, e saiba que, si a principio vacillei em aceitar-o, agora estou resolvido a fazel-o, pese a a quem pesar. — *Armando Silveira*».

HASSLOCHER FILHO, Germano – S. Cruz do Sul, RS, 10 jul. 1862; Milão, Itália, 6 fev. 1911. F.: Germano Hasslocher e Marie Durand Hasslocher. – Est. no Colégio Souza Lobo, P. Alegre. Fac. de Dir. de S. Paulo, curso incompleto. Bacharel pela Fac. de Dir. de Recife, 1883. Promotor público em P. Alegre, 1891-92. Redator de *A Federação* e *A Reforma*, ambas de P. Alegre. Redator-chefe do *Jornal do Comércio*, P. Alegre, 1899. Dep. à Assembléia Legislativa do RS, 1898-1900. Dep. Federal pelo RS, 1900-11. Redator de *A Tribuna*, Rio de Janeiro, 1901. Co-fundador e Prof. da Fac. de Dir. de P. Alegre. Advogado em P. Alegre. Orador, panfletário e político. Membro do Centro Literário de P. Alegre, 1897; e do Partido Republicano Rio-Grandense. Pai de Paulo Hasslocher.

Bibl.: *Derradeiro Amor*, romance de Georges Ohnet, traduziu, P. Alegre, 1890; *A Alma de Pedro*, id., id., 1891; *A Verdade sobre a Revolução (1893)*, P. Alegre, Liv. Mazon, 1894; id., 2.ª ed., id., Liv. Americana, 1894; *Desmascarando um Hipócrita*, libelo político, Rio de Janeiro, tip. do Jornal do Comércio, 1907; *O Cadáver*, romance de J. F. Eslander, traduziu, Pelotas, Carlos Pinto (assinado com as iniciais G. H.); *A Espelunca*, romance, P. Alegre, Liv. Central, 1911. Publicou artigos políticos e polêmicos nos jornais em que trabalhou, P. Alegre e Rio de Janeiro; *Dia-a-Dia*, coluna diária, *Jornal do Comércio*, P. Alegre, a partir de 1899.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).